

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Benjamim Sathler Lenz César

TEOLOGIA DA CRIANÇA:

**A infância como caminho de se falar sobre
Deus, a vida cristã e os vulneráveis**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientadora: Professora Maria Clara Bingemer

Rio de Janeiro

Março de 2018



Benjamim Sathler Lenz Cesar

Teologia da Criança: A infância como caminho de se falar sobre Deus, a vida cristã e os vulneráveis

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer
Orientadora
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Departamento de Teologia
PUC-Rio

Prof. Irenio Silveira Chaves
UNIVERSO

Prof^a. Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de março de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Benjamim Sathler Lenz César

Graduou-se em Desenho Industrial (UniverCidade) em 2008 e em Teologia (Seminário Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton – curso livre) em 2012. Pastor presbiteriano. Trabalhou na Organização Não Governamental, Visão Mundial, na área de relacionamento com igrejas com vistas à promoção da proteção e desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Ficha Catalográfica

César, Benjamim Sathler Lenz

Teologia da criança : a infância como caminho de se falar sobre Deus, a vida cristã e os vulneráveis / Benjamim Sathler Lenz César ; orientadora: Maria Clara Bingemer. – 2017.

95 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia. 3. Criança. 4. Infância. 5. Pequeninos. 6. Adultocentrismo. I. Bingemer, Maria Clara Lucchetti. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para meus pais, Éber e Márcia,
por me ensinarem a ser criança.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Maria Clara Bingemer, pelo estímulo e parceria para a realização deste trabalho.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, Éber e Márcia, pela educação, atenção e carinho de todas as horas.

À Thaiany, pela paciência e compreensão durante as horas de pesquisa.

À Visão Mundial, pela inspiração que gerou despertamento para o tema da infância.

A todos os professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

Resumo

César, Benjamim Sathler Lenz; Bingemer, Maria Clara. **Teologia da Criança: A infância como caminho de se falar sobre Deus, a vida cristã e os vulneráveis**. Rio de Janeiro, 2018. 95p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Teologia da Criança é o campo de pesquisa que tem como sujeito teológico o ser humano de pouca idade e denuncia o adultocentrismo como estrutura de opressão. O centro de toda construção teológica se estabelece ao redor e a partir da figura da criança. A pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre a experiência de Deus e a valorização da infância, sinalizando a existência de uma ligação estreita entre um e outro. A experiência com o Mistério ganha novos contornos a partir da mística singular das crianças, bem como a infância adquire novas cores a partir da revelação desse Mistério em Jesus Cristo. Os pequeninos são a parábola que as Escrituras utilizam para falar sobre Deus, a vida cristã e os vulneráveis desse mundo, transcendendo assim a razão, a instituição e o consumo como lógica adultocêntrica e propondo a mística, a liberdade e a generosidade como alternativa para se fazer como criança. Os adultos podem e devem reconhecer nas crianças um caminho para a experiência real de Deus.

Palavras-chave

Teologia; criança; infância; pequeninos; adultocentrismo; criancitude; mística; mistério; parábola; Teologia da Libertação.

Abstract

César, Benjamim Sathler Lenz; Bingemer, Maria Clara (Advisor) 2018. **Theology of the child: childhood as a way of speaking about God, Christian life and the vulnerable.** Rio de Janeiro, 2018. 95p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Theology of the child is the research field which has as theological subject the earlier-phases human beings and which denounced the adultcentrism as an oppression structure. The core of all theological construction is established around and from the figure of a child. The research has as its main objective to analyze the relation between experiencing God and the appreciation of childhood, pointing out the existence of a close relationship between them. The experience with Mystery assumes new perspectives through the peculiar, mystic worldview of the children. Also, childhood acquires new colors through the revelation of this Mystery in Jesus Christ. The little ones are the parable which are used by Scriptures to talk about God, Christian life and the vulnerable people of this world, transcending as such the reason, the institution and the consumption as adultcentric logic and proposing the mysticism, freedom and generosity as an alternative to become like children. Adults can and should recognize in children a way to really experiencing God.

Keywords

Theology; children; childhood; little children; adultcentrism; to become as children; mysticism; parable; liberation theology.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1 A TEOLOGIA DA CRIANÇA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2. ADULTOCENTRISMO (VER)	27
2.1 RAZÃO: O DEUS ADULTO	35
2.2 INSTITUIÇÃO: O CRISTÃO ADULTO	39
2.3 CONSUMO: O MUNDO ADULTO	44
3 CRIANÇA: PARÁBOLA DE CARNE E OSSO (JULGAR)	49
3.1 CRISTO: O FILHO CRIANÇA DE DEUS	58
3.2 VIDA CRISTÃ: SE FAZER COMO CRIANÇA	63
3.3 VULNERÁVEIS: A ESSÊNCIA DA CRIANÇA	68
4 CRIANCITUDE (AGIR)	73
4.1 DA RAZÃO PARA A MÍSTICA	75
4.2 DA INSTITUIÇÃO PARA A LIBERDADE	79
4.3 DO CONSUMO PARA A GENEROSIDADE	84
CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

O GUARDADOR DE REBANHOS

Num meio dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia
Vi Jesus Cristo descer à terra,
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu,
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras,
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem

E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas -
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três,
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz

E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz no braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras nos burros,
Rouba as frutas dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas,
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus,
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia,
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.

Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou -
"Se é que as criou, do que duvido" -
"Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
mas os seres não cantam nada,
se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres".

E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos a dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo o universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,

E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade

Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales,
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.
Depois ele adormece e eu deito-o
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos,
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu no colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

Esta é a história do meu Menino Jesus,
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)

INTRODUÇÃO

Falar sobre Deus hoje requer atualização da gramática, pois a linguagem religiosa do passado já não encontra acolhimento no coração do ser humano moderno. Os avanços científicos, a racionalidade e a crescente autonomia do ser humano, relegaram Deus a uma categoria particular e opcional, transformando-o em conceito dispensável. Não é mais preciso recorrer a explicações metafísicas para acalmar os anseios de conhecimento do ser humano, pois a tecnologia já é capaz de responder a questões, até então, inimagináveis. Esse processo de rejeição da noção de Deus, denominado secularização, tem feito o ser humano assumir ídolos em seu coração, os quais prometem saciar a fome existencial, mas nunca conseguem cumprir suas juras.

A hegemonia de que o cristianismo gozava no mundo ocidental desmoronou frente à enorme pluralidade cultural e religiosa deste mundo pós-moderno. Nascer num país ocidental era a garantia de estar inserido inquestionavelmente num ambiente cristão. Hoje, existe um sem número de jovens que se distanciaram essencialmente da ideia de seguir a Jesus e partiram em busca de sanar sua sede de transcendência em religiões alternativas, esotéricas, orientais e, até mesmo, em expressões de espiritualidade radicalmente fundamentalistas. Não recusaram a Deus propriamente, mas à representação dele apresentada durante anos pela religião cristã, a saber, um deus adulto.

Paralelamente à rejeição do homem contemporâneo ao Deus de representação adulta, o fenômeno da desvalorização da infância também se faz presente. Apesar de importantes avanços nas leis de proteção da infância e no sistema de garantia de direitos em nosso país, na prática, as crianças ainda são silenciadas e oprimidas. A violência contra crianças e adolescentes no Brasil acaba sendo naturalizada, é o que revela a pesquisa “O que dizem as crianças”¹, promovida pelas organizações Visão Mundial e Instituto Igarapé. Apesar das

¹ HANNA, N.; LIRA, K. **O que dizem as Crianças?** Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé; Visão Mundial, 2016, 32p. Relatório técnico.

crianças e adolescentes relataram o convívio com brigas na escola (85%) e violência física em casa quando fazem algo errado (63%), elas também dizem se sentir seguras como uma percepção geral (68%). Os dados são aparentemente contraditórios, mas revelam que a exposição a violência é tamanha que, em ambientes de maior vulnerabilidade, já não afeta a percepção de segurança. Uma das coordenadoras da pesquisa, Karina Lira, explica que “a criança convive tão rotineiramente com situações de violência que passa a entender aquilo como natural, algo normal do seu dia a dia”². Crianças e jovens até 18 anos são 31,1% da população do Brasil e o país é o segundo do mundo em número de assassinatos de adolescentes, atrás apenas da Nigéria.

A presente pesquisa pretende avaliar a relação entre essas duas negligências na sociedade: Deus e a criança. São levantadas questões para entendimento de como cada um desses eixos temáticos é tratado no mundo contemporâneo. Qual é relação entre a dificuldade de se falar sobre Deus e a desvalorização da infância? É possível ler as Escrituras a partir do contexto da infância? Seria a criança um novo caminho de linguagem para se falar sobre Deus? Ao redescobrir o valor da criança e ao reposicioná-la no centro da sociedade, a compreensão do mistério de Deus seria experimentado de maneira mais próxima? Os tempos atuais demandam uma resposta consistente à pergunta: de que Deus somos crentes e de que Deus somos ateus?

Este é um estudo preliminar a respeito da Teologia da Criança, propondo um olhar para Deus com as lentes da infância, mas também um olhar para a criança como sujeito de valor inigualável, mesmo que vulnerável, e, por isso, mediadora da revelação de Deus. Além das mais de 1400 referências à criança encontradas na Bíblia³, a Teologia da Criança tem como principal ponto de partida a reflexão sobre o texto do evangelho de Mateus 18:1-14, onde Jesus coloca uma criança no centro das atenções, no meio dos seus discípulos que, por sua vez, discutiam sobre quem seria o maior no Reino de Deus, para ensinar-lhes sobre os valores corretos desse Reino.

² **Violência contra crianças e adolescentes é naturalizada no Brasil**. Agência Brasil, 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/16P9G4> >. Acesso em: 6 dez. 2017.

³ JEYARAJ, J. B. (Ed.). **Children at Risk: Issues and Challenges**. Bangalore: CFCD/ISPCK, 2009. p.49

Assim, o texto a seguir é dividido em quatro capítulos. O primeiro são considerações preliminares sobre conceituações importantes da Teologia da Criança, histórico sobre o tema da infância na teologia e explicação das ênfases que serão adotadas na pesquisa. Os capítulos 2, 3 e 4, seguem o conhecido método da Teologia da Libertação – respectivamente, ver, julgar e agir. No segundo capítulo, “ver”, é apresentado um diagnóstico da contemporaneidade marcada pelo adultocentrismo. A abordagem focará três características principais da lógica adulta: razão, instituição e mercado. No terceiro capítulo, “julgar”, a condução será bíblico-teológica. A investigação seguirá no sentido de reconhecer a singularidade da criança na sua relação com Deus e, por isso, na revelação desse Deus. A infância é apresentada como uma parábola de Cristo, da vida cristã e dos vulneráveis. A quarta e última parte, “agir”, é propositiva e visa oferecer uma alternativa para o mundo adultocêntrico a partir das metáforas da criança. O entendimento estritamente racional de Deus pode ser ampliado pelo novo rosto místico de Deus reconhecido nas crianças, a vida cristã institucionalizada pode ser experimentada de maneira livre como um jogo ou uma brincadeira de criança, e as relações mercadológicas de produtividade que excluem os mais pobres podem ser alteradas pelo amor incondicional e generoso presente nas crianças.

1

A TEOLOGIA DA CRIANÇA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Teologia da Criança pode ser definida como:

Uma investigação que considera e avalia temas centrais da teologia - históricos, bíblicos e sistemáticos - à luz da criança ao lado de Jesus, no meio dos seus discípulos. Essa criança é como uma lente através da qual se podem ver claramente alguns aspectos de Deus e sua revelação.

É possível nomear esse fazer teológico com interesse na infância de outras formas, dependendo do foco da pesquisa. "Teologia Para a Criança", "Teologia a Partir da Criança" ou "Teologia Com Criança".

A "Teologia Para a Criança" aproxima-se de um modelo teológico pastoral ou pedagógico. Parte do pressuposto de que as crianças têm pouco a acrescentar no que diz respeito ao conhecimento do mistério de Deus e, portanto, são alvo da ação dos adultos que lhes transmitem esse conhecimento através dos conteúdos bíblicos e teológicos. Blanco⁴ usa o educador Paulo Freire para diagnosticar essa proposta com as seguintes características: (1) oposição educador-educando: o educador detém toda a verdade e se mostra inquestionável e o educando é apenas um receptor do conteúdo; (2) o conhecimento se baseia em conteúdo e não em experiência: o conhecimento é transmitido na esperança de que seja apenas decorado, mesmo que não haja relevância para a vida cotidiana; (3) apenas um conhecimento é válido: o conteúdo é imutável e a verdade não é aceita se vinda por caminhos heterodoxos; e (4) não há espaço para o desenvolvimento de opinião própria: se os educandos são vistos apenas como depósito de ideias, não são educados a lidar com as contradições da vida. Um exemplo claro desse modelo são os reformadores, especialmente Lutero em seu Catecismo Menor, escrito para a educação das crianças. Blanco resume as orientações de Lutero ao adulto responsável pelo ensino: "O chefe da família deve ensinar; deve ser fiel ao texto que não pode ser modificado nem uma

⁴ BLANCO, K. M. **Niñez, nuevas voces de la teología de la liberación**. Monografía, Universidad Bíblica Latinoamericana, San José, 2013.

só sílaba; os estudantes devem aprender de cor o texto, palavra por palavra; depois de memorizado o texto, então, lhes ensinará o sentido dele."⁵

O termo "Teologia a Partir da Criança" já carrega um modelo teológico sistemático, todavia trabalha a infância como objeto de estudo e não como sujeito. O texto "Criança como Metáfora da Esperança"⁶, de Jürgen Moltmann, parece se enquadrar neste modelo. Mesmo que admitindo o valor singular da criança, seu foco de interesse é a explicação do conceito teológico da esperança escatológica cristã e não na criança propriamente. A imagem que Moltmann usa é a da "criança messiânica", que parte de um imaginário cultural da criança (futuro) para simbolizar a esperança para os adultos, não necessariamente para ela mesma. Nesse modelo, a criança também é representada como um estado definido pela categoria etária, idade, uma etapa passageira da vida. O conceito de infância é definido pela inconsciência de sê-lo e pela dependência dos adultos. A criança ou a infância é sempre usada para representar outra coisa, como por exemplo, a condição de herdeiros do Reino de Deus.

A presença da criança se encontra na forma de uma imagem (a simplicidade da criança), um estado (a criança), ou um conceito (a infância), e dessa imagem, estado e conceito busca-se apenas facilitar a compreensão da doutrina ou da realidade que se intenta explicar.⁷

Um terceiro foco é a "Teologia com a Criança" e ele se diferencia do anterior porque "embora a criança seja o objeto dessa teologia, é reconhecida como sujeito; apresenta como pré-requisito o envolvimento no contexto das crianças; e a teologia é construída tanto a partir da prática como da teologia acadêmica"⁸. Assim, há um rompimento do ciclo de coisificação e utilização da criança, fazendo da mesma, realmente, um sujeito teológico, onde a infância e suas vulnerabilidades são o ponto de partida e chegada da reflexão sobre a práxis cristã. A criança é reconhecida como uma lente para entender melhor o Reino e o próprio Deus, mas há também a preocupação com a realidade concreta das crianças.

⁵ BLANCO, K. M. **Niñez, nuevas voces de la teología de la liberación**. Monografía, Universidad Bíblica Latinoamericana, San José, 2013. Tradução nossa.

⁶ MOLTSMANN, Jürgen. **Niño e infancia como metáforas de la esperanza y de la fe**. Carthaginensia Revista de estudios e investigación, Vol. 16, No 29 (2000), ps.15-28.

⁷ BLANCO, K. M. Op. Cit. Tradução nossa.

⁸ BLANCO, K. M. Op. Cit. Tradução nossa.

Apesar de toda a sistematização das nomeações mencionadas acima, o termo empregado no presente estudo será "Teologia da Criança", por sua abrangência e pelo fato de que as fronteiras de definições são desnecessárias e, provavelmente, impossíveis de serem identificadas na prática com tanta nitidez. Talvez, não seja preciso, de fato, tomar partido de uma ou outra definição, mas somente entender o desenvolvimento histórico desse fazer teológico. Ou seja, não é preciso, nem sequer saudável, excluir uma metodologia em função de outra. Há uma relação simbiótica entre o adulto e a criança, onde uma retroalimentação de evangelização, proteção e escuta vai revelando na história e na concretude da vida, progressivamente, um Deus de amor e justiça. No transcorrer do texto, será possível encontrar referências a pedagogia, psicologia, filosofia e teologia bíblica, sistemática e histórica.

A expressão "Teologia da Criança" apareceu pela primeira vez em junho de 2001 num curso preparatório para a consulta de Penang, Malásia⁹. Desde a segunda metade do XX, porém, já estava presente como movimento pastoral e teológico. Na verdade, inúmeros precursores, em toda a história da Igreja, falaram sobre o tema da infância e contribuíram para a construção teológica que temos hoje¹⁰. Harold Segura¹¹ traça um importante histórico do surgimento do pensamento teológico contemporâneo sobre a criança. Segura diz que o tema, como entendemos hoje, começou a ser melhor desenvolvido e ganhar espaço quando na primeira metade do século XX surgiu Karl Rahner com seu “giro antropológico” ou “método antropológico transcendental” onde entendia que a teologia estava a serviço do ser humano e de sua fé e deveria partir de situações concretas da vida humana. Começa então a surgir um novo método do fazer teológico que não partia de cima para baixo, de Deus para o ser humano, mas de baixo para cima, das vivências concretas para as respostas divinas. No lugar de uma teologia descendente, surge uma teologia ascendente. Os teólogos latino-americanos que construíam sua teologia num contexto bem diferente dos teólogos europeus, prontamente se identificaram e acolheram o método de Rahner. Os três conhecidos momentos da Teologia da Libertação, “ver”, “julgar” e “agir”, se relacionam com os três passos da teologia

⁹ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.11

¹⁰ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). BLANCO, K. M. Op. Cit. p.44

¹¹ SEGURA, H. Teología com rosto de niñez. Apuntamentos para uma teologia de la niñez em perspectiva latinoamericana. In: SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafio Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015.

proposta por Rahner: (Wircklichkeitsmoment) “o olhar a realidade que nos é dada e oferecida”; (Verstehensmoment) “o intento de compreensão dessa realidade em sua lógica e seu sentido último”; e (Begründungsmoment) “a pergunta pelas condições para que essa realidade interpretada pelos pressupostos possa ser significativa para a vida humana”. Segura explica que enquanto Rahner pregava o “giro antropológico”, na América Latina se pregava a “opção preferencial pelos pobres”, abrindo as portas para a inserção de novos rostos no fazer teológico, como as crianças.

O teólogo nicaraguense Carlos Aguirre Salinas¹² divide a compreensão da criança nos círculos teológicos protestantes em três etapas históricas, ainda que não seja bem clara a fronteira entre uma e outra. A primeira compreende o período que vai da Reforma Protestante do século XVI até as Missões Protestantes nos séculos XIX e XX. As primeiras reflexões sobre a criança em ambiente protestante são encontradas no "Catecismo Para Crianças" de Martinho Lutero. O reformador Andreas Karlstadt também foi um dos primeiros a iniciar uma ação pastoral para crianças através da educação religiosa. Para os reformadores, "a criança era uma área de atenção pastoral (na qual é primordial), mas não tanto um tema de interesse teológico"¹³. Talvez a exceção seja com relação ao tema do pedobatismo. "Eram debates abstratos - muitas vezes metafísicos - que serviam mais para acalmar as angústias filosóficas dos teólogos do que para solucionar as necessidades presentes e reais da criança. Para a teologia elas eram um tema indireto e secundário."¹⁴ Essa também foi a ênfase do Protestantismo de Missão que lidou com a temática da criança a partir das Escolas Bíblicas Infantis. Essas escolas tinham por objetivo despertar o interesse das crianças para a fé evangélica. A grande tônica dessa primeira etapa do pensamento era a consideração das crianças como meras receptoras da fé e não como sujeitos da reflexão teológica. O que existe são práticas pastorais em torno das crianças com fins evangelísticos.

A segunda etapa histórica está localizada em meados do século XX com o surgimento da teologia evangélica latino-americana denominada de Missão

¹² Carlos Aguirre Salinas é Coordenador Nacional da área de Testemunho Cristão e Relações Eclesiásticas da Visão Mundial Nicarágua. É investigador do Protestantismo e Pentecostalismo nicaraguense, e com experiência em trabalho pastoral, educação teológica e história eclesial.

¹³ SEGURA, H. A Criança Como Tema Transversal Da Teologia. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.59

¹⁴ SEGURA, H. Op. Cit. p.60

Integral. É possível começar a perceber uma nova preocupação com a reflexão em torno da criança a partir das declarações em documentos produzidos em importantes congressos e consultas teológicas como Conferência Evangélica Latino-americana - CELA (Buenos Aires, 1949), Congresso Internacional de Evangelização Mundial (Lausanne, 1974), os Congressos Latino-Americanos de Evangelização - CLADEs (Lima, 1979; Quito, 1992; Quito, 2000), Consulta Sobre Transformação Integral (1987) e a Consulta Teológica Latino Americana e Caribe sobre a Criança, Adolescência e Igreja. Em 2010, por exemplo, na celebração dos 100 anos da conferência de missão de Edimburgo, houve uma correção à negligência às crianças no documento do século anterior:

No tema ou na Comissão 5 em Edimburgo 2010 sobre as Formas de Engajamento Missionário, foi introduzida a questão da missão das crianças. A formulação em si mesma sugeriu uma mudança significativa de ver as crianças como objetos de missão para vê-los como pessoas na própria missão. (...) O raciocínio teológico-missiológico para as crianças em missão parecia ter sido que Jesus colocou uma criança entre seus discípulos e também os papéis-chave na missão desempenhada por várias crianças na Bíblia. No relatório do Grupo de Escuta em Edimburgo, fala-se de 'uma nova e refrescante preocupação' relacionada ao 'papel das crianças como uma nova energia para a missão do século XXI'¹⁵

Essa é uma pauta urgente para a Missão Integral, mas ainda é característica desse período a reflexão apenas em termos pastorais, mesmo que a visão estritamente evangelizadora da primeira etapa tenha se ampliado para uma preocupação com a proteção e cuidado com as crianças nesse segundo momento.

A terceira etapa na formação de uma Teologia da Criança, segundo Salinas, é o momento atual, que se caracteriza pelo início do reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos a partir da influência dos movimentos sociais com foco nas nelas.

Da mesma maneira que começaram a Teologia da Libertação e a Teologia Feminista e surgiram a partir de uma nova forma de ver a pobreza e as mulheres, a Teologia da Criança aparece em um momento em que há uma mudança na consciência geral com respeito as crianças.¹⁶

¹⁵ BOTHA, N. **Children as theological hermeneutic: Is there a new epistemological break emerging?** In. HTS Theological Studies 72(1), a3110, 2016. Tradução nossa.

¹⁶ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.44. Tradução nossa.

Começam, então, a aparecer teólogos e instituições protestantes especificamente dedicados a pesquisar a Teologia da Criança e a escrever sobre ela. Atualmente, existem boletins, revistas, livros e sites que abordam especificamente esse assunto. O Seminário Teológico Batista da Malásia, por exemplo, criou o Centro de Capacitação Internacional de Teologia da Criança e Desenvolvimento, a Compassion Internacional criou o programa de mestrado com o título Desenvolvimento Integral da Criança, as revistas teológicas Interpretation (abril/2011) e Theology Today (janeiro/2000) dedicaram edições inteiras ao tema, e em 2001 foi criado nos Estados Unidos o Movimento de Teologia da Criança. É escola recente e, por isso, requer um processo de aprendizagem e adaptação. Entretanto, já se percebe importante mudança com relação às duas primeiras etapas: as crianças que antes eram apenas receptoras da mensagem evangélica, agora são sujeitos ativos na formação da teologia e, de certo modo, pode-se afirmar que estão evangelizando os teólogos. Carlos Queiroz conta assim a sua experiência comunitária com as crianças:

Minha comunidade de fé é um grupo de dezesseis ou dezessete crianças que vão à minha casa e lá me evangelizam e humanizam. Reúno-me com elas com a sensação de que me revelam a respeito de Deus muito mais do que eu posso ensiná-las sobre ele.¹⁷

O alerta de Juan José Barreda Toscano também deve ser escutado com atenção:

devemos perguntar se essas características que dizemos serem 'adultas', concordam com a vida do Reino. Devemos perguntar-nos se nossas visões de segurança, poder, sabedoria, vida plena, não deveriam se parecer mais com a visão dos nossos filhos, ao invés de insistir em 'adultizá-los' (uma maneira de des-evangelizar).¹⁸

Outra forma de entender o surgimento da Teologia da Criança é via contribuição metodológica da Teologia da Libertação. Com o fortalecimento do Capitalismo mundial e a tomada de consciência da América Latina de sua condição de dependência dos países ricos, surge um fazer teológico que enxerga a prioridade

¹⁷ QUEIROZ, C. Deus Na Criança. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.43

¹⁸ TOSCANO, J. J. B. Los niños nos evangelizan. **Revista Viva**, n66, mai./jun. 2013. p.11. Tradução nossa.

de Deus nos pobres e vulneráveis. Assim, a partir de uma só base, começam a surgir novos lugares teológicos baseados nas vulnerabilidades de sujeitos antes invisibilizados ou deslegitimados pela teologia tradicional. Cada um deles ocupa um lugar no fazer teológico e tem como inimigo uma manifestação estrutural específica do pecado. O círculo originário mais amplo da Teologia da Libertação tem o pobre no lugar teológico e luta contra o paradigma da opulência, da desigualdade e da opressão. Somam-se a esse movimento a Teologia Feminista lutando contra o patriarcalismo e o androcentrismo; a Teologia Negra, lutando contra o racismo; a Teologia Camponesa, lutando contra a racionalidade ocidental; e a Teologia Ecológica, lutando contra o antropocentrismo. Na trilha de todas essas teologias contextuais, a teologia que se propõe a ter a criança como seu lugar teológico tem como antagonista e principal mal a ser combatido o adultocentrismo, definido por Dina Krauskopf como

uma categoria moderna que designa uma relação de poder assimétrica entre adultos e crianças, adolescentes e jovens. É uma maneira de ver o mundo, de interagir e construir um universo simbólico baseado em relações e ordem de valores da concepção patriarcal. Nesta ordem, os critérios biológicos subordinam ou excluem as crianças e os jovens por sua idade.¹⁹

Nesse ponto, Carlos Caldas enxerga um curioso paradoxo na Teologia da Libertação: "a escola de pensamento teológico que pretende ser a voz dos que não tem voz não tem dado muita importância ao tema da criança. Quem menos tem voz que a criança nas igrejas e sociedade em geral?"²⁰ Talvez sua avaliação não seja exatamente justa, visto que há uma contribuição inestimável de muitos teólogos e movimentos de tradição católica ao pensamento teológico que envolve o tema da infância, mesmo que não carreguem o nome "Teologia da Criança". Alguns exemplos são a Pastoral da Criança, a Catequese do Bom Pastor, Hans Urs Von Balthasar e Karl Rahner. Mais importante do que identificar se a Teologia da Criança está mais associada à Teologia da Libertação ou ao movimento evangélico é pontuar uma diferença entre as teologias contextuais:

¹⁹ SEGURA, H. Teología Com Rosto de Niñez. Apuntes para una teología de la niñez em perspectiva latinoamericana. In: SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. Tradução nossa.

²⁰ CALDAS, Caldas. A Criança Na Teologia Latino-Americana. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.72

Uma das diferenças óbvias entre a Teologia da Criança e as outras teologias mencionadas é que, enquanto os pobres, as mulheres e os negros escreveram grande parte de cada uma de suas teologias, a criança nunca esteve envolvida conscientemente na escrita da Teologia da Criança²¹

A Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana/Caribenha (CETELA) trouxe importante entendimento nesse sentido por ocasião da sexta jornada teológica, em 2000, em Cumbayá, Equador, cujo tema foi "Abaya-Yala e seus rostos. Formação Teológica e Transversalidade". Seu aporte foi indireto, no sentido de abrir possibilidades para que os "sujeitos emergentes", novos atores, refletissem sobre o seu próprio lugar e pensassem maneiras de inserção desses novos rostos nos programas de educação. A criança não foi um desses novos rostos, mas o CETELA abriu a porta para a proposta da infância como eixo transversal da teologia.

A ideia de transversalidade é relativamente recente nas reflexões sobre educação, mas sua importância já se observa como ponte entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento vital, natural, cotidiano.

Ao falar de transversalidade, portanto, não estamos nos referindo a novas disciplinas, nem a uma mera aprendizagem de técnicas e habilidades. Trata-se, principalmente, de um enfoque educativo cuja proposta é a transformação das pessoas, das instituições e da sociedade.²²

Alguns exemplos de temas transversais comuns hoje são as questões de gênero, meio ambiente, acessibilidade, paz, etc. Propor a criança como eixo transversal da teologia é reconhecer uma nova hermenêutica, ou seja, outra chave de interpretação da vida e das Escrituras. Esse tem sido propriamente o trabalho da Teologia da Criança: a revisão dos textos sagrados, identificando a infância em suas narrativas e percebendo o olhar da criança em suas entrelinhas. Podemos concordar que "Depois de Jesus, a criança e o pobre deveriam ser tomados como

²¹ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.45. Tradução nossa.

²² SEGURA, H. A Criança Como Tema Transversal Da Teologia. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.63

mediações prioritárias da revelação"²³. A Teologia da Criança, portanto, faz com que aqueles

que, por tradição e costume, tinham sido relegados a um papel de receptores passivos do processo educativo, agora são apresentados como agentes ativos e protagonistas surpreendentes desse processo. Os educandos passam a ser educadores, e o ingresso no Reino depende de sua acolhida!²⁴

A fala de Jesus no texto de Lucas 10:21 é central: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado." Há, no texto, um claro contraponto entre duas lógicas de entendimento. De um lado, os sábios e cultos, os adultos, grandes, que supostamente conheciam bem a Deus, sua revelação, as Escrituras e toda teologia; do outro estão os pequeninos, as crianças, meninos e meninas simples, escolhidos por Deus para serem receptores da sua revelação. Ver as crianças a partir dessa posição privilegiada abre um horizonte de compreensão acerca do verdadeiro significado do discipulado e do caminho proposto por Jesus, que vai além do cumprimento de normas castradoras, interpretações adultocêntricas, sistematizações racionais e reverência em certos ambientes religiosos.

O que significa, então, ver a Deus a partir dos meninos e meninas, e não a partir de quem supostamente possui a autoridade (moral, espiritual, institucional, acadêmica) para fazê-lo? Podemos concluir que estas duas lógicas presentes na passagem representam em si maneiras distintas de ver a Deus. E não só nos referimos a imagens ou discursos específicos, mas, também, de formas diferentes de aproximar-se ao divino.²⁵

Há, na verdade, uma tensão interna na Teologia da Criança: ao mesmo tempo em que existe a intenção de legitimar a criança como sujeito prioritário da revelação de Deus, há também a preocupação de não cair na idolatria da infância. De um lado há um reconhecimento da singularidade da criança, do outro, há de se admitir que, assim como em toda teologia, "na Teologia da Criança, o centro não são as crianças,

²³ QUEIROZ, C. Deus Na Criança. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.45

²⁴ QUEIROZ, C. Op. Cit. p.65

²⁵ SEGURA, H. **Deixem que venham a mim as crianças**. Pistas bíblico-teológicas para o ministério com a infância e a juventude. San José, Movimento Juntos com a Infância e a Juventude, 2015. p.10.

mas Deus"²⁶. Dizer que a criança é um ser humano parece obvio mas é o caminho para esse equilíbrio entre a prioridade da criança e a idolatria da infância. Por ser um ser humano, a criança não pode ser privada de toda dignidade a ela devida, mas também, pelo mesmo motivo, não pode ser confundida com o próprio Deus. Como diz Rahner, "A criança é um ser humano. Nenhuma religião ou antropologia filosófica insistiu tanto, nem falou de modo mais claro que a criança é um ser humano desde seu nascimento, como o cristianismo"²⁷. A criança reconhecida como ser humano pleno é um caminho para o mistério de Deus, não o ponto de chegada. É Deus quem a tudo e a todos dá valor e, por isso, a infância não é intrinsecamente valiosa, "os direitos e o valor da criança são reais e estão verdadeiramente sustentados e defendidos na relação com Deus, não de forma autônoma"²⁸.

A Teologia da Criança põe ênfase no fato de que o propósito da criança que Jesus coloca no meio de seus discípulos não foi ser objeto de análise nem adoração, mas uma mostra ou indicador para uma melhor compreensão de Deus e de seu reino. Portanto, a Teologia da Criança não deixará de lado a criança por medo de perder a mostra elogiada por Jesus, mas tão pouco fará da criança o foco da atenção principal e o objeto final de sua reflexão.²⁹

Guardada a preocupação com a idolatria da infância, fazer Teologia da Criança não se reduz a ensino religioso, a pastoral ou a evangelização dos pequeninos, apesar de incluir tudo isso. Como diz Botha, "a questão não é meramente se devemos dedicar mais atenção às crianças na teologia e na Igreja, mas se as crianças na perspectiva do Reino de Deus nos apresentam um novo paradigma interpretativo"³⁰. A contribuição principal da Teologia da Criança é o nascimento de uma nova hermenêutica e, assim, o reconhecimento de uma nova direção no aprendizado: paralelamente à direção adulto-criança (pastoral) surge a direção criança-adulto (teológica). O espectro de temas derivados desse novo olhar é tão amplo quanto a vida cristã e o Reino de Deus. A presente pesquisa parte da

²⁶ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.19. Tradução nossa.

²⁷ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

²⁸ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). Op. Cit. p.28 Tradução nossa.

²⁹ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). Op. Cit. p.20 Tradução nossa.

³⁰ BOTHA, N. **Children as theological hermeneutic: Is there a new epistemological break emerging?** In. HTS Theological Studies 72(1), a3110, 2016. Tradução nossa.

premissa de que os adultos precisam entender que, a partir do ponto de vista das crianças, surge uma outra maneira de conhecer o mistério de Deus. A questão "não é meramente se as crianças devem se juntar aos adultos ao redor da mesa da comunhão, mas se os mesmos adultos estão prontos para uma reorientação radical onde as crianças se tornem a chave interpretativa para o que acontece no ministério da Igreja"³¹.

A Teologia da Criança assim entendida se dedica não apenas a temas relacionados à criança, mas também aborda questões importantes da fé e da vida cristã. Os cristãos que já se dedicam às crianças e jovens estão descobrindo que a Teologia da Criança aguça e esclarece seu entendimento das crianças e suas responsabilidades em relação a eles. Isso é intencional e encorajador, mas não deve ser visto como o objetivo final do exercício. A Teologia da Criança também desafia cada cristão - se ele está envolvido na teologia acadêmica, no ministério pastoral, na Igreja ou na missão - para refletir novamente sobre todos os aspectos da sua vida, sua fé e prática, com a criança Jesus colocou à vista. Isso inclui áreas de ministérios que geralmente não estão associadas com questões relacionadas com a criança.³²

³¹ BOTHA, N. **Children as theological hermeneutic: Is there a new epistemological break emerging?** In. HTS Theological Studies 72(1), a3110, 2016. Tradução nossa.

³² BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.20 Tradução nossa.

2. ADULTOCENTRISMO (VER)

Falar sobre infância no mundo contemporâneo não é tarefa fácil, mas não é menos difícil do que em tempos pretéritos. Evidentemente, desde que existe o ser humano, existe também a criança. Ela faz parte de toda sociedade, em qualquer tempo. Mas a forma com que a infância é vista, notada e tratada varia com grandes e importantes diferenças. Por vezes é possível dizer, referindo-nos a determinado tempo e sociedade, que a infância nem sequer existiu. A inevitável presença de crianças em sociedade não resulta automaticamente na existência da infância ali. Ser criança é uma determinação biológica, significando um ser humano recém-nascido ou de pouca idade. Já a infância é um conceito construído socialmente e só começou a ser “descoberto” no século XV, quando houve o reconhecimento de que as crianças tinham comportamentos e contextos próprios que se diferiam dos adultos. A etimologia da palavra “infância” traduz esse silenciamento da criança: “*fante*”, participio presente do verbo latino que significa falar, dizer; prefixo ‘*in*’, negação. Os “*in-fantes*”, portanto, são os sem-fala, aqueles que acabam sendo definidos por outro, pelo de fora³³. Assim, pode-se dizer que a infância é um conceito relativamente novo na história da humanidade.

Quem produz uma valiosa contribuição nesse sentido é Philippe Ariès quando defende que antes do “descobrimento” da infância as crianças eram tidas como propriedade, adultos em miniatura ou adultos imperfeitos. Ariès justifica sua tese observando a representação das crianças nas artes na Idade Média. As pinturas do século XII em diante mostravam as crianças deformadas, de modo que pareciam adultos em escalas menores. As proporções do corpo, desenho dos músculos, traços, vestimentas, tudo se assemelhavam as representações adultas, sendo a estatura o único elemento de distinção. Elas participavam das mesmas atividades que os adultos, das mesmas festas, mesmas danças, mesmas músicas e mesmo

³³ BEZERRA, S. **Infâncias Roubadas**. O Ser Criança como desafio para o Reino. Nova Friburgo, 2016. p.31

trabalho. Ariès explica da seguinte forma a relação entre a arte grega, anterior, e a romana no que se refere à representação das crianças:

Tudo indica, de fato, que a representação realista da criança, ou a idealização da infância, de sua graça, de sua redondeza de formas tenham sido próprias da arte grega. Os pequenos Eros proliferavam com exuberância na época helenística. A infância desapareceu da iconografia junto com os outros temas helenísticos, e o românico retomou essa recusa dos traços específicos da infância que caracterizava as épocas arcaicas, anteriores ao helenismo. Há aí algo mais do que uma simples coincidência. Partimos de um mundo de representação onde a infância é desconhecida: os historiadores da literatura (Mgr. Calvé) fizeram a mesma observação a propósito da epopeia, em que crianças-prodígio se conduziam com a bravura e a força física dos guerreiros adultos. Isso sem dúvida significa que os homens dos séculos X e XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida.³⁴

Essa arte reflete a característica da sociedade da Idade Média. A mortalidade infantil, por exemplo, atingia taxas altíssimas, sendo comum famílias perderem suas crianças. A frieza com que esse tema era tratado pelos parentes e conhecidos naquele tempo choca a cultura contemporânea. “As pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual”³⁵. Numa sátira francesa anônima, composta por vários textos publicados em 1622 intitulada “Les Caquets de l'accouchée” há uma fala de consolo de uma vizinha para uma mulher, mãe de cinco crianças que acabara de ter mais um filho: “Antes que eles possam te causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Michel de Montaigne, filósofo renascentista francês do século XVI, disse: “perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero”. Ariès explica essa relação com a criança da seguinte forma:

Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época. Persistiu até o século XIX, no campo, na medida em que era compatível com o cristianismo, que respeitava na criança batizada a alma imortal. Consta que durante muito tempo se conservou no País Basco o hábito de enterrar em casa, no jardim, a criança morta sem batismo. Talvez houvesse aí uma sobrevivência de ritos muito antigos, de oferendas sacrificais. Ou será que simplesmente as crianças mortas muito

³⁴ ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 56.

³⁵ ARIÈS, P. Op. Cit. p.57

cedo eram enterradas em qualquer lugar, como hoje se enterra um animal doméstico, um gato ou um cachorro?³⁶

Ariès nota que o problema da demografia e da mortalidade infantil permaneceu de maneira intensa do século XIII ao XVII e a arte, especialmente a pintura, refletiu a ausência do conceito de infância naquela sociedade. Com o passar do tempo, a figura da criança foi tomando forma mais parecida com a que conhecemos hoje. Aos poucos, as esculturas e retratos começaram a valorizar a criança, com formas mais particulares, representação da nudez infantil, centralidade da criança em retratos de família e até mesmo peças onde elas aparecem sozinhas. Com o crescimento de um cristianismo mais arraigado nos costumes da sociedade, a crença de que a criança também tinha alma imortal começou a se enraizar e outras práticas, como vacina e cuidados com a higiene, começaram a fazer parte da rotina da família. A conclusão do argumento de Ariès é a seguinte:

A descoberta da infância começou sem dúvida no Século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornam-se particularmente numerosos e significativos a partir do século XVI e durante o século XVII.³⁷

A partir disso, então, podemos perceber que a infância é um conceito bem menos natural às crianças do que poderia presumir o senso comum contemporâneo. Foi apenas há um pouco mais de três séculos atrás que a criança começou a se apropriar de sua infância. É muito pouco para que toda a construção já esteja finalizada hoje. Hoje, vive-se uma estrutura de cultura e de sociedade, uma forma de pensamento, onde a criança é desvalorizada. Se é possível fazer um comparativo, mesmo que limitado, pode-se dizer que assim como o histórico dos séculos de escravidão de negros e indígenas no Brasil ainda se refletem nos arranjos sociais racistas do país, assim também os séculos de invisibilidade e silenciamento da infância contribuem para configurar hoje um mundo centrado no adulto e opressor das crianças.

O Brasil está cheio de crianças, mas vazio de infâncias. São 60,5 milhões de crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos no nosso país, 29,6% de toda a população

³⁶ ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p.57

³⁷ ARIÈS, P. Op. Cit. p.65

brasileira. Das crianças entre 0 e 14 anos, 23 milhões vivem na pobreza e extrema pobreza em todo o país. No Nordeste, mais da metade da população de crianças e adolescentes vive em zonas rurais, e na região Norte, que possui a maior proporção de crianças e adolescentes em sua população, está o pior percentual de acesso a água do país. Os dados da violência contra as crianças são igualmente assustadores. De todos os homicídios registrados no país em 2015, por exemplo, 18,4% foram cometidos contra pessoas menores de 19 anos e, desse percentual, um pouco mais de 80% foram cometidos com armas de fogo. No mesmo ano, o Disque 100 recebeu mais de 153 mil denúncias de violações de direitos contra crianças e adolescentes em todo o país e as denúncias mais recorrentes são negligência (72,8%), violência psicológica (45,7%), violência física (42,4%) e violência sexual (21,3%)³⁸.

Mesmo com todas essas dificuldades em se reconhecer a infância, o Brasil ainda é tido como um dos países mais avançados em termos de legislação na garantia de direitos da criança. O que nos faz pensar que o problema está na execução das propostas já existentes e não nas leis em si, como pensam alguns parlamentares que querem voltar atrás e alterá-las com a redução da maioridade penal e redução da idade mínima para o trabalho, por exemplo. Para se chegar ao ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, uma luta aguerrida precisou ser travada. Durante muitos anos o Estado Brasileiro não tinha nenhuma política pública voltada para a infância e todo o cuidado com as crianças ficava a cargo das Santas Casas de Misericórdia da Igreja Católica, que ajudavam os doentes, órfãos e os pobres de maneira geral. Como na Europa no século XIX, essas instituições adotavam o sistema da Roda dos Excluídos³⁹, uma janela que possuía um cilindro oco com uma abertura que girava em torno de seu próprio eixo, de maneira que quem estava do lado de fora dos muros poderia, anonimamente, abandonar uma criança ali para ser cuidada pelas irmãs. Não é incomum encontrar hoje em dia pessoas cujos avós ou outros parentes são “Filhos da Roda”. Apenas em 1927, com o Código de Menores, que contemplava apenas as crianças em “situação irregular”,

³⁸ CINTRA, J. P. S. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil**. São Paulo: Fundação Abrinq, 2017, 60p. Relatório técnico.

³⁹ Inicialmente, esse mecanismo era usado nos mosteiros para enviar mensagens e comida para os monges sem que eles precisassem ter contato com o mundo exterior. Em 1201, em Roma, o papa Inocêncio III, incomodado com a grande quantidade de cadáveres infantis encontrados no rio Tibre, adaptou a Roda para se tornar uma alternativa de abandono no lugar do infanticídio.

essa prática foi proibida e o registro da criança tornou-se uma obrigação. O decreto dizia:

O menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinquente, que tiver menos de 18 anos de idade, será submetido pela autoridade competente às medidas de assistência e proteção contidas neste Código. Código de Menores – Decreto N. 17.943 A – de 12 de outubro de 1927.

O ensino obrigatório só foi regulado em 1854, mesmo que não contemplasse os filhos dos escravos e das pessoas mais pobres que não tinham acesso ao sistema de saúde para garantir as vacinas exigidas para a entrada na escola. O trabalho infantil só foi proibido em 1891. Mesmo assim o decreto estipulava a idade mínima de 12 anos para o trabalho e tinha pouca efetividade, visto que era comum encontrar crianças com idades até menores do que essa trabalhando nas nascentes indústrias e, principalmente, na agricultura.

Em 1942, durante o Estado Novo, foi criado um órgão do Ministério da Justiça chamado SAM, Serviço de Assistência ao Menor, semelhante ao sistema carcerário, mas direcionado para os adolescentes e com foco na repressão e correção dos atos infratores. Algumas outras entidades federais também foram criadas nesse período com perfil assistencialista focado na criança e no adolescente, como, por exemplo, a Legião Brasileira de Assistência, Casa do Pequeno Jornaleiro, Casa do Pequeno Trabalhador e a Casa das Meninas. No governo militar, a partir de 1964, o SAM transformou-se na FUNABEM, Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, que atuava mediante internação dos abandonados, carentes e infratores. Em 1979, ainda no governo militar, o Código do Menor de 27 foi revisado, mas manteve a ênfase repressora e assistencialista e carregava o conceito de “menor em situação irregular” ou “infância perigosa”.

Os 25 anos que antecedem a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente coincidem praticamente com todo o período da ditadura militar brasileira que implementou no país medidas, políticas e sistemas baseados na ideologia da segurança nacional centrada na identificação dos inimigos do país e do seu desenvolvimento. ‘Menores abandonados’ entraram na lista dos entraves à ordem pública e ao desenvolvimento e a eles se designou uma política de bem-estar do menor estruturada a partir dos tradicionais eixos da prevenção; do atendimentos e da repressão aos infratores.⁴⁰

⁴⁰ VOLPI, M. A Proteção Integral aos Direitos da Criança e do Adolescentes. 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. In. GUIMARÃES, B; SILVA, F. (orgs.). **Nas Trilhas da Proteção**

A década de 80 foi muito importante para os movimentos de defesa dos direitos das crianças. Com a reabertura para a democracia e a promulgação da Constituição Federal em 1988, teve início um cenário bem mais favorável. No final dessa década, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Convenção sobre os Direitos da Criança, e, no ano seguinte, o documento foi oficializado como lei internacional e ratificado pelo Brasil. Hoje, é o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal, ratificado por 196 países. Somente os Estados Unidos não ratificaram a Convenção. Inspirados pela Convenção, um grupo de estatutistas defendia a reformulação total do Código e a inserção de novos e amplos direitos para as crianças. A intenção era fazer da criança um sujeito de direitos sob uma Política de Proteção Integral. O artigo 227 da nova Constituição foi o primeiro grande avanço e a base para a posterior criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.⁴¹

A comissão para redigir o ECA foi formada por três grupos: a sociedade civil, destacando-se o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, o MNMMR, e a Pastoral da Criança, ligada à CNBB, Conferência Nacional de Bispos e Bispas do Brasil; os juristas ligados ao Ministério Público; e os técnicos do governo, sobretudo funcionários da própria FUNABEM. A promulgação desse importante documento no âmbito dos direitos humanos aconteceu em 13 de julho de 1990 e desde então muitas conquistas derivadas dessa foram possíveis. Destaca-se aí a determinação de que a internação seja feita apenas como último caso para adolescentes em conflitos com a lei e a criação dos Conselhos Tutelares com intensa participação da sociedade civil.

Integral. 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2015.

⁴¹ BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <<https://goo.gl/veH1RJ>>. Acesso em: 07/12/2017.

A história da proteção da criança em nosso país ainda está sendo contada e, hoje, tem-se a oportunidade de fazer parte da luta pela garantia dos direitos tão arduamente conquistados e garantidos por lei. Ainda falta transformar a letra em verbo, o papel em ação. Dar visibilidade e possibilitar o empoderamento das milhares de crianças e adolescentes do nosso país está no horizonte de todos aqueles que entendem a ação de Jesus quando “chamando um menino, o pôs no meio deles” (Mateus 18:2), dando à criança lugar de centralidade na Igreja e sociedade.

A assimetria sistemática de poder entre o adulto e a criança soma-se a outros eixos de dominação presentes no mundo como, por exemplo, a dominação por raça, gênero e etnia. Essa dominação por geração ou idade é chamada adultocentrismo e está presente em várias arenas da sociedade contemporânea. Renata Lopes Costa Prado percebe três sutis características que compõem uma visão adultocêntrica de mundo. Primeiro, a invisibilidade da infância. Com a desculpa de que determinados assuntos “não são para criança” ou são “assuntos de adultos”, relega-se a criança a um lugar de não participação e silenciamento. Elas nunca são chamadas a opinar em assuntos que afetam diretamente sua vida como meio ambiente, planejamento urbano, educação, etc. Não há nem sequer consciência de que deveriam ser ouvidas ou de que teriam direito de opinar. A naturalização da invisibilidade serve, na verdade, como atenuante para a injustiça. A invisibilidade da infância na Idade Média, por exemplo, era atitude aceitável e dificilmente se pensaria nessa característica como injustiça naquela sociedade. Quanto mais arraigada no comportamento social for a invisibilidade, menos senso de injustiça se fará presente.

A segunda característica de um mundo adultocêntrico é a ideia de vulnerabilidade da criança. Tem-se, de maneira geral, a ideia de que a criança é um ser frágil por definição; tem a vulnerabilidade como condição natural. Apesar de determinadas fragilidades da criança serem evidentes, os adultos também têm vulnerabilidades específicas, provocadas por cada contexto do sujeito. Fragilidade é, portanto, condição ontológica do ser humano de qualquer idade. Num determinado sentido, a vulnerabilidade inerente à criança é um conceito adultocêntrico construído socialmente: tendo-a como um ser frágil por natureza, ignoramos suas forças e a retiramos de lugares legítimos de autonomia e empoderamento. Corre-se o risco de provocar uma “exclusão protetora”, em que,

na intenção de proteger, a ação das próprias crianças é minimizada, tornando-as cada vez mais dependentes e vulneráveis.

Por último, o adultocentrismo também pode ser percebido na ideia de incompetência da criança. O olhar adulto para a criança reforça o conceito de um sujeito incompleto e parcial e que, por isso mesmo, é sempre um “de vir”, alguém que será capaz no futuro, mas não agora. A criança, enquanto tal, será sempre alguém incompetente. Fato é que a competência não é propriedade ou característica definitiva que o sujeito conquistou ou não, antes é habilidade que se manifesta em determinadas situações, de maneiras distintas, em diferentes pessoas. Por isso, podemos e devemos reconhecer que as crianças manifestam suas competências particulares em situações singulares. A questão é que, num mundo adultocêntrico, as instituições privilegiam competências particularmente adultas e desprezam as competências da criança. A mediação entre diferentes mundos é apenas um exemplo da competência da criança. Ela parece se deslocar com certa facilidade entre contextos e ambientes distintos. Numa comunidade indígena, por exemplo, as crianças parecem lidar melhor com a presença do ser humano não indígena que tenta se achegar, servindo até mesmo de porta de entrada para essa aproximação. Talvez por essa mesma razão as crianças lidem com tanta facilidade com a espiritualidade: quem sabe são mediadoras entre o mundo físico e o mundo espiritual?

Assim, o mundo marcado pela lógica do adultocentrismo vai destinando as crianças à margem da sociedade ou, pior ainda, usando-as como objetos de satisfação das carências emocionais dos adultos ou, até mesmo, como fonte de lucro em seus apelos de venda nas propagandas voltadas para infância. Panotto descreve assim essa lógica:

Representa-se a vida do adulto, entre outras coisas, com a maturidade, a frieza nas decisões, a superação das instabilidades, a semeadura da razão, a efetividade dos resultados. É na rigidez desses estereótipos onde muitas vezes perdemos a surpresa da espontaneidade, o frescor do contato dos corpos e a riqueza de caminhos que abrem nossa liberdade intrínseca. Em outros termos, nos esquecemos da condição lúdica que caracterizava a vida social e humana.⁴²

⁴² PANOTTO, N. Porque as revelaste. O empoderamento da palavra frente à violência do silenciamento. In. PEREIRA, W.; SEGURA, H. **Para Falar de Criança**. Teologia, Bíblia e Pastoral para a Infância. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p16

O sujeito desavisado e inconsciente irá permanecer na perspectiva adultocêntrica, sempre naturalizando a invisibilidade da infância, percebendo a vulnerabilidade da criança como característica intrínseca e considerando a criança um ser incompetente. Sem uma reflexão intencional e um esforço pessoal para a mudança de comportamento, o adultocentrismo continuará a fazer parte da sociedade moderna. Essa assimetria social que privilegia o adulto contamina diversos campos do conhecimento, comportamento e, até mesmo, da ética. A maneira como se fala sobre Deus, sobre o ser cristão e sobre as relações sociais estão sempre influenciadas por esse olhar, fazendo a teologia sempre assunto de adultos, para adultos. Nessa lógica, Deus é adulto, o cristão é pleno apenas quando adulto e a sociedade se estrutura a partir das competências adultas.

2.1 RAZÃO: O DEUS ADULTO

Uma das principais características da modernidade é a supremacia da razão. Como afirma Libanio: “A modernidade é, antes de tudo, o triunfo da razão”⁴³. Após a Idade Média, com a chegada do Iluminismo, com o ser humano ocupando o centro do interesse do pensamento e a ciência ganhando cada vez mais autonomia, o mundo passou a ser regido cada vez mais exclusivamente pela razão. Enquanto as descobertas “macro” revelam um espaço cada vez mais amplo e complexo, as “micro” mostram unidades cada vez mais ramificadas e simplificadas. Tem-se a impressão de que o ser humano se tornou a estatura média da existência, ou seja, da mesma forma que se conhece as coisas imensamente maiores que o ser humano, se esquadrinha também as infinitamente menores, na mesma proporção. O ser humano está no centro.

No último século, sobretudo, a ciência experimentou grandes avanços em diversas áreas: a tecnologia, por exemplo, rompeu barreiras geográficas e temporais e a medicina encontrou a cura e tratamento para várias doenças. Esse desenvolvimento em torno da ciência não trouxe apenas fatores positivos para humanidade. É possível perceber como ela também pode ser usada para o mal: armamentos, bombas e estratégias de guerra são cada vez mais sofisticadas e com

⁴³ LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p117

potencial destrutivo inimaginável. Mais uma vez o ser humano está no centro, inclinando o uso de sua razão para o bem ou para o mal.

A racionalidade do mundo moderno tem como adjetivo a instrumentalidade, ou seja, para alcançar determinados fins instrumentaliza-se os meios, mesmo que a ética fique sob suspeita. As dimensões mensuráveis, estratégicas e funcionais estão sempre no foco de ação e os critérios de avaliação passam por eficácia, rentabilidade, pragmatismo e funcionamento⁴⁴. Essa razão instrumental se estabelece na modernidade como um paradigma fundante em que quase nenhuma estrutura escapa de sua influência. É um ideal a ser perseguido, uma mentalidade a ser construída, um jeito de existir.

O homem com a ciência e com a razão pode dominar totalmente a natureza. Cria-se então a mentalidade tão difundida entre os cientistas das ciências naturais e já vulgarizada de que a cultura tem como ideal a racionalidade, a eficácia, a técnica, em vista de criar condições de felicidade, de conforto de vida para o ser humano. Este conceito frequenta os meios de comunicação de massa, como verdadeiro produto de uma indústria cultural. Este sistema técnico está produzindo mudanças que atingem não só o mundo industrial e do trabalho, mas o conjunto da vida e das atividades humanas num ritmo e numa acumulação de efeitos surpreendentes.⁴⁵

Essa estrutura de pensamento racional surge no mundo como um movimento pendular de crítica à institucionalização e ao dogmatismo estabelecidos pela própria Igreja cristã na Idade Média. A metafísica e a religião eram responsáveis pela harmonia mental dos homens e pela organização da sociedade. A razão, então, surge como alternativa a toda estrutura desgastada antiga e traz em seu discurso a autonomia e a liberdade como fundamentos. O berço da razão instrumental é, portanto, a crítica ao próprio cristianismo. Não sem fundamento é a constatação de que até hoje se estabelece uma dicotomia imatura entre ciência e religião, razão e mística. A ciência impõe-se como único sistema de representação em substituição aos antigos sistemas de justificação. “Essa desestruturação dos universos simbólicos tradicionais dificulta ao homem moderno o acesso à fé, à religião, à revelação”⁴⁶. Libanio recorda a época dessa transição no contexto da Revolução Francesa dizendo que os “franceses dormiram lendo Bossuet [teólogo] e acordam

⁴⁴ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p123

⁴⁵ KANT, I. Apud. LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p125

⁴⁶ LIBANIO, J. B. Op. Cit. p125

com Voltaire [filósofo iluminista] na cabeceira da cama⁴⁷. Ele continua defendendo que a razão resiste a aceitar uma verdade fundada em autoridade formal, tradição ou em qualquer instância fora dela mesma. Sobretudo, ela é usada contra os costumes, preconceitos, tradições ou outras formas não-rationais, como intuição, instinto ou sentimento⁴⁸. “Deus” é um grande terreno em disputa nesse mundo moderno.

A obra moderna só será terminada quando a crença no sobrenatural, sob qualquer forma que seja, for destruída. Organizar cientificamente a humanidade, esta é a última palavra da ciência moderna, esta é sua pretensão audaciosa, mas legítima. Vejo mais ainda (...). A razão, após ter organizado a humanidade, organizará a Deus.⁴⁹

Nesse sentido, o mundo moderno que carrega a razão como único critério de interpretação da realidade e não reconhece o lúdico, a poesia e a mística como caminhos para a verdade, se configura em sistema adultocêntrico. “A razão se fez adulta e confia em si. Não necessita mais de guardiães de fora”⁵⁰. Não se quer dizer com isso que as crianças são seres irracionais ou incapazes de lidar com a razão. Porém, o racionalismo instrumentalizado moderno exclui a infância em sua complexidade exacerbada, enxerga a si mesmo como no status de adulto travestido de um discurso de “maturidade” e, sobretudo, apresenta Deus acessível apenas através da intelectualidade, formulação dogmática ortodoxa e desenvolvimento racional. O conceito de infantilidade é tido quase como termo pejorativo diante da racionalidade adulta. Infantil é aceitar algo que vá para além da razão como critério de interpretação da realidade e da verdade. Historicamente falando, tudo que esteve antes do Iluminismo é considerado a menoridade da humanidade. Nas palavras de Kant percebe-se a linguagem:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Seperare aude!* Tem coragem de fazer uso do próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. Para

⁴⁷ LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p114

⁴⁸ LIBANIO, J. B. Op. Cit. p117

⁴⁹ LIBANIO, J. B. Op. Cit. p114

⁵⁰ LIBANIO, J. B. Op. Cit. p118

este esclarecimento, porém, nada mais se exige senão liberdade, a saber: de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz, raciocinai, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) Eis aqui por toda parte a limitação da liberdade.⁵¹

Bingemer, por sua vez, sinaliza que a homogeneização funcionalista do mundo produz vários efeitos perversos. Segundo ela, um desses efeitos é a valorização apenas daquilo que é mensurável, que pode ser expresso em números, estatísticas, instrumentalidade. Por sua vez, tudo que resulta da abstração, do Mistério, da inspiração e da poesia é posto de lado como inútil, já que não pode ser controlado pela razão instrumental. O que é útil nesse contexto é observar, no argumento de Bingemer, que a rejeição moderna considera “superstição” e “concepções mágicas da vida” tudo aquilo que não se explica pela racionalidade, e o pior, entende que tudo isso “mantem as pessoas na infantilidade”⁵². Entende-se a respeito desse ponto que o processo das considerações francamente sobrenaturais às considerações puramente naturais, do regime teológico ao regime positivo, é, antes de tudo, um processo de amadurecimento, uma passagem da infância para a maturidade adulta. Comte formula da seguinte assim: “Ora, cada um de nós, contemplando sua própria história, não se lembra de que foi sucessivamente, no que concerne às noções mais importantes, teólogo em sua infância, metafísico em sua juventude e físico em sua virilidade?”⁵³.

Essa linguagem que expressa a necessidade de abandonar a “infantilidade”, a “menoridade”, a “imaturidade”, em nome da razão, na verdade é uma adultização da vida e, conseqüentemente da própria experiência de Deus. O Deus da modernidade é adulto. É o Deus da razão. Não há espaço para a revelação e o Mistério e, por isso mesmo, há no mundo um vazio de sentido:

A revelação é fundamentalmente verdade salvífica, cuja eficácia não se enquadra no mundo da técnica, mas da gratuidade, do dom, da liberdade. Estar diante de Deus é aceitar não ser dono do sentido, é descobrir sua própria inexistência perante a Existência transcendente. É tomar consciência da insuficiência da realidade material e positiva. Não basta o mundo das coisas. Ele não se basta. Ele é em si um deserto de

⁵¹ KANT, I. Apud. LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p118

⁵² BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p123

⁵³ LIBANIO, J. B. Op. Cit. p117

sentido, conduz ao desespero. A revelação oferece superabundância de sentido, preenche essa lacuna ontológica.⁵⁴

2.2 INSTITUIÇÃO: O CRISTÃO ADULTO

Com o fim da visão “teocêntrica” da vida, onde o discurso religioso ditava a forma de pensar e agir da sociedade, poderia se pensar que estaria aí também o fim de toda espiritualidade. No entanto, é preciso fazer essa distinção: a espiritualidade, ou a experiência religiosa, é condição do ser humano, não construção social. Universal, portanto. O ser humano é “*homo religiosus*” e a manifestação dessa religiosidade latente pode ser encontrada para além da religião institucional. Ao passo que, quando essa expressão se torna coletiva e as experiências de espiritualidade se tornam homogêneas para um grupo, surge uma religião, uma identidade religiosa formal. “A religião é a institucionalização da espiritualidade, assim como a família é do amor. Há relações amorosas sem constituir família. Do mesmo modo, há quem cultive sua espiritualidade sem se identificar com uma religião”⁵⁵. Esse conflito sempre existiu na história do cristianismo: como sincronizar de maneira saudável carisma e instituição? É possível exemplificar tal tensão nas histórias de “Santo Inácio de Loyola, que esteve quatro vezes nas mãos da Inquisição; Santa Teresa de Ávila, que esteve sob a vigilância estreita de teólogos e líderes espirituais de seu tempo; São João da Cruz, que esteve encarcerado pelos próprios confrades; etc”⁵⁶

Com o advento da modernidade e, mais intensamente, da pós-modernidade, entra em cena uma falta de otimismo com o futuro, e as instituições sofrem uma verdadeira crise de credibilidade. O Estado e a religião deixam de ser alvo da esperança do indivíduo, que prefere então voltar-se para si mesmo e construir a vida em torno do seus interesses individuais e da satisfação dos próprios desejos e prazeres. É nesse ambiente individualizado e com as instituições desacreditadas que a espiritualidade ainda sobrevive. O princípio da laicidade do Estado exemplifica o deslocamento da experiência religiosa da esfera pública para o âmbito privado. Ao

⁵⁴ LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p123

⁵⁵ BETTO, F. **Espiritualidade e Religião**. O Globo, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/yJ6Lck>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

⁵⁶ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p337

contrário do que se possa pensar, a laicidade não elimina a religião da sociedade, ela garante o direito e a liberdade de cada indivíduo viver sua experiência em nível particular sem a interferência do Estado. Esse é o espírito da modernidade, a desinstitucionalização da religião, o que não significa o fim da espiritualidade. Os chamados Mestres da Suspeita já tinham sinalizado algo assim, cada um à sua maneira: Marx denunciou a alienação do ser humano pela religião identificando-a com o “ópio do povo”; Freud considerou a visão que o ser humano tem de Deus como mera projeção paterna; e Nietzsche, decretou finalmente, a morte de Deus⁵⁷.

Mesmo que a modernidade tenha determinado que os indivíduos sejam medidas de si próprios, senhores(as) de suas relações e do universo; mesmo que o ser humano tenha substituído as explicações de mundo de cunho metafísico – afastando-se do sagrado, que é controlado por instituições religiosas que davam sentido à vida e à realidade, bem como coesão sociocultural, e que deliberavam o centro de sentido para além do ser humano –, ele se encontra em contínua manutenção de comportamentos religiosos, ainda que o termo religioso lhe pareça estranho e distante, mesmo que estes não identifiquem seus comportamentos corriqueiros como parte de uma estrutura religiosa. Todo processo de secularização e dessacralização que a humanidade passou, com o advento da modernidade e sua racionalidade, não foi suficiente para superar as contradições próprias da humanidade e as mazelas sociais. Assim, a humanidade continuou a necessitar de sustentação para aplacar suas mais superficiais e profundas necessidades.⁵⁸

Bingemer explica que a construção da espiritualidade em nossos dias se dá com uma espécie de “bricolagem”, ou seja, a coexistência de vários conceitos religiosos difusos escolhidos pelos indivíduos de acordo com sua conveniência pessoal. Existe um “crescente processo de destradicionalização da religião e de desinstitucionalização da identidade religiosa”. Bingemer utiliza também os termos “subjetivação da religião”, “radicalização da pluralidade religiosa” e “privatização da experiência religiosa”⁵⁹. Para ela, o critério para avaliar as experiências religiosas não pode ser mais o nível de adesão a uma instituição religiosa pelo sujeito. Essas experiências não estão mais presas a tais fronteiras. A avaliação se dará apenas pela “fecundidade” das experiências: a nível subjetivo, com os assim chamados Fruto do Espírito (Gálatas 5), ou a nível objetivo, com o “reforço e

⁵⁷ MENDITTI, C. H. **Cristianismo em diálogo com o ateísmo**. As críticas do ateísmo humanista, suas interpelações e a fundamentação da fé cristã como afirmação e desenvolvimento integral do humano. 2009, 456p, Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC, Rio de Janeiro.

⁵⁸ BRANDÃO, S. H. **Religião na Pós-modernidade**. In. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.

⁵⁹ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p341

proteção da vida, serviço aos outros e simplicidade e desapego cada vez maiores”⁶⁰. Bingemer reconhece o risco da superficialidade que essa nova configuração da religião gera, e também aponta que é oportunidade única da comprovação da liberdade de Deus. É o “desaparecimento da assim chamada cristandade, grandioso sistema sociopolítico e religioso construído por muitos séculos e que marcou muitas gerações a fogo. Mas isso não significa que seja o fim do cristianismo”⁶¹. Frei Betto assim propõe:

Há que fazer das religiões fontes de espiritualidade, de prática do amor e da justiça, de compaixão e serviço. Jesus é o exemplo de quem rompe com a religião esclerosada de seu tempo, e vivencia e anuncia uma nova espiritualidade, alimentada na vida comunitária, centrada na atitude amorosa, na intimidade com Deus, na justiça aos pobres, no perdão. Dessa espiritualidade resultou o cristianismo. (...) O fiel que pratica todos os ritos de sua religião acata os mandamentos e paga o dízimo e, no entanto, é intolerante com quem não pensa ou crê como ele, pode ser um ótimo religioso, mas carece de espiritualidade. É como uma família desprovida de amor.⁶²

Por outro lado, Bauman consegue identificar uma parcela cada vez maior da religião que se identifica com o fundamentalismo e o conseqüente fortalecimento das instituições. São as “contradições internas da vida pós-moderna”⁶³. Não se trata de retorno ao passado pré-moderno, mas de nova configuração fundamentalista derivada da vida pós-moderna que valoriza radicalmente a autonomia e a liberdade do indivíduo. Bauman argumenta que o fundamentalismo é um fenômeno que torna possível o “aproveitamento das atrações modernas, sem pagar o preço que elas exigem”⁶⁴. A modernidade abriu possibilidades impensadas ao ser humano até então, não apenas tecnológicas, mas também morais e éticas. Sem barreiras, o indivíduo é o único responsável por suas escolhas, e cabe a ele mesmo arcar com as conseqüências de cada uma delas e com a frustração de não ter experimentado todas as alternativas para as quais disse não. Nessa brecha nasce o fundamentalismo contemporâneo. Bauman afirma que

O fascínio do fundamentalismo provém de sua promessa de emancipar os convertidos das agonias da escolha. Aí a pessoa encontra, finalmente, a autoridade

⁶⁰ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p343

⁶¹ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p344

⁶² BETTO, F. **Espiritualidade e Religião**. O Globo, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/yJ6Lck>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

⁶³ BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p226

⁶⁴ BAUMAN, Z. Op. Cit. p226

indubitavelmente suprema, uma autoridade para acabar com todas as outras autoridades. A pessoa sabe para onde olhar quando as decisões da vida devem ser tomadas, nas questões grandes e pequenas, e sabe que, olhando para ali, ela faz a coisa certa, sendo evitado, desse modo, o pavor de correr o risco. O fundamentalismo é um remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e pós-moderna – a liberdade contaminada pelo risco (um remédio que cura a infecção amputando o órgão infeccionado – abolindo a liberdade como tal, na medida em que não há nenhuma liberdade livre de riscos).⁶⁵

A grande frustração da pós-modernidade é constatar que o indivíduo, e não a espécie humana, não é autossuficiente e não pode ser autoconfiante. Ele precisa ser sempre guiado, dirigido e informado sobre o que fazer e a normatização da coletividade torna-se alternativa de salvação. Daí surge o que Bauman nomeia de “culto do aconselhamento” ou “orientação profissional” e a “autodisciplina assistida”. Oferecendo esse tipo de produto ao mercado as instituições religiosas fundamentalistas fazem sua carteira de clientes cada vez mais robusta. Ali tudo é permitido e nada é seguro, elas “mostram coragem suficiente para dizer, aos que estão ávidos para escutar, o que decidir de maneira que a decisão continue segura”⁶⁶. Nesse sentido, a privatização da religião não se aplica. Muito pelo contrário, no meio da pluralidade religiosa e da infinidade de ofertas à espiritualidade que coloca sobre os ombros dos indivíduos a responsabilidade de suas escolhas, as instituições fundamentalistas oferecem um lugar de descanso dessa carga, legislando sobre cada aspecto da vida dos indivíduos. Para Bauman, seja qual for a qualidade das respostas que o fundamentalismo fornece, “as perguntas a que responde são genuínas. O problema não é como desprezar a gravidade das perguntas, mas como encontrar respostas livres de regimes totalitários”⁶⁷. Brandão também defende algo semelhante:

Para quem joga toda sua segurança na religião para salvar da anomia, o campo está aberto para uma renovada aceitação de disciplinas, de doutrinas rígidas, com o óbvio risco do fanatismo e da intolerância. Para os males sociais e pessoais a saída é a volta à grande disciplina, as instituições fortes, as personalidades autoritárias. Isto é fonte refinada de fundamentalismo e fanatismo.⁶⁸

⁶⁵ BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p228

⁶⁶ BAUMAN, Z. Op. Cit. p229

⁶⁷ BAUMAN, Z. Op. Cit. p230

⁶⁸ BRANDÃO, S. H. **Religião na Pós-modernidade**. In. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.

A covardia anestesiante da institucionalização fundamentalista é característica do mundo adultocêntrico. Toda espiritualidade livre, desimpedida e destemida que poderia ser ambiente inclusivo das crianças ou, até mesmo, tê-las como referencial didático, dá lugar a uma disciplina que tenta ser reguladora e controladora do Mistério. A criança está identificada com a proposta de espiritualidade e de carisma e não de religião e instituição. O retorno a essa manifestação religiosa adultocêntrica denuncia, como diz Brandão, que o progresso técnico-científico não foi capaz de “fazer jus às expectativas e à confiança que lhe foram dadas: de um mundo novo e melhor. Com isso, houve a necessidade em retornar aos antigos referenciais que tinham sido abandonados pela modernidade, como é o caso da religião”⁶⁹. Uma sociedade frustrada tenta sarar suas dores com remédios ineficazes. A “adultização” proposta pela racionalidade não produziu os frutos esperados. Agora, entra em cena a “adultização” proposta pela institucionalização fundamentalista que tenta solucionar o problema anterior. Alcântara explica que

A instituição religiosa, ao contrário da experiência religiosa, procura não apenas manter seus ritos, mas também influenciar o curso dos acontecimentos sociais garantindo a sua perpetuação, expansão, e manutenção da ortodoxia por intermédio dos dogmas, da tradição e manipulação do poder. Afirmando ter a solução dos problemas existenciais do ser humano, oferece um contexto em que o indivíduo sente-se protegido (psicologicamente ou materialmente), conseguindo projetar seus conflitos mal resolvidos para uma ordem simbólica (criando uma situação de dependência); torna-se, portanto, o refúgio ideal de muitas pessoas.⁷⁰

A instituição religiosa promove pelo menos quatro paradigmas reguladores da espiritualidade que inibem a infância: o templo, o domingo, o culto e o clero⁷¹. Eles se referem respectivamente à quatro perguntas sobre a vivência da espiritualidade: “onde?”, “quando?”, “como?” e “quem?”. Todas as respostas institucionais a essas perguntas são “adultizantes” e castram uma espiritualidade inspirada nas crianças que não conhece lugar, tempo, modo ou pessoa para manifestar sua infantilidade. Para elas, todo lugar é lugar, todo tempo é tempo, todo

⁶⁹ BRANDÃO, S. H. **Religião na Pós-modernidade**. In. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.

⁷⁰ ALCÂNTARA, C. S. **A instituição religiosa na (pós) modernidade**. Fraternidade Teológica Latino Americana - Setor Brasil, 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/rDTn2d> >. Acesso em: 6 dez. 2017.

⁷¹ KIVITZ, E. R. **Quebrando paradigmas**. São Paulo: Abba Press, 1995.

jeito é jeito e estão abertas a todos. Não se trata de abraçar o espírito de liquidez da pós-modernidade, mas de entender que o cristão que se propõe a seguir os passos do Jesus de Nazaré experimenta o Mistério no chão da vida e não se limita às quatro paredes de um endereço fixo, aos dias considerados santos, aos ritos ortodoxos nem à dependência de lideranças religiosas. Dessa forma, o cristão está livre para não somente viver sua espiritualidade de maneira aberta ao mundo, como também para reconhecer em outros, diferentes, seus irmãos. Dito de forma inversa, como denúncia, o adultocentrismo que afeta o viver cristão institucionaliza a espiritualidade, regula sua manifestação e, em última análise, gera um ambiente propício para a segregação e ódio.

2.3 CONSUMO: O MUNDO ADULTO

Bauman chama de modernidade líquida o tempo em que vivemos. O conceito por ele desenvolvido faz contraste com a ideia dos tempos sólidos da modernidade, quando tudo era rígido, as instituições fortes e a permanência um valor. Os tempos líquidos são marcados pela fluidez e pela impermanência; tudo se desfaz com muita rapidez e facilidade; os contextos são verdadeiras formas às quais as pessoas se moldam como líquidos; o prazer e a autossatisfação são o valor máximo dos nossos dias. A “fluidez é a principal metáfora para o estágio presente da era moderna”⁷². Soma-se ao fato da constante mutação o desenvolvimento da tecnologia que acelera a velocidade das mudanças, expande o espaço e o tempo e praticamente zera os limites para essas transformações. Os limites foram todos derrubados e as possibilidades se alargaram em proporções quase infinitas. Como líquidos que se esvaem enquanto houver espaço, tomando conta de cada centímetro cúbico que encontram pela frente. “A era da superioridade incondicional do sedentarismo sobre o nomadismo e da dominação dos assentados sobre os nômades está chegando ao fim”⁷³. Sem muros e com as estradas livres, os indivíduos nômades têm toda liberdade para se moverem e se transformarem, de acordo com a conveniência. Não há mais apego ao próprio território, sendo que há o mundo como possibilidade de novas experiências.

⁷² BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p8

⁷³ BAUMAN, Z. Op. Cit. p21

Essa nova ordem social, segundo Bauman, é definida principalmente em termos econômicos. A antiga “sociedade de produtores” em que os papéis eram fixos, disciplinados e coletivos, dá lugar a uma “sociedade de consumidores”, em que os papéis são flexíveis, criativos e individualistas. Se tudo muda com tanta facilidade e rapidez, é necessário que os desejos (sem limites) se tornem necessidade, pelo menos até o ponto da conquista e da posse. A partir daí, então, é preciso que nem o desejo, nem a necessidade façam parte da relação com o produto, criando assim um círculo de consumo infinito: se deseja o que não se tem, tem-se o que não se deseja mais. “É a velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz lucro hoje – não a durabilidade e a confiabilidade do produto”⁷⁴ Tudo na sociedade de consumo precisa ser descartável e perecível para que essa mentalidade permaneça. O consumo se manifesta pela descartabilidade dos produtos, pela efemeridade, pela volatilidade, diferente da “sociedade de produtores” do mundo moderno, na qual o valor dos produtos se expressava por sua solidez e durabilidade⁷⁵.

O mais grave do novo arranjo social focado no consumo é que os indivíduos são ao mesmo tempo “os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem”⁷⁶. Agora, os produtos não se restringem ao universo das coisas, invadiram o universo das pessoas; a lógica de consumo não se limita mais à obtenção de objetos, chega às relações humanas. Bauman descreve o processo da seguinte maneira:

Na maioria das descrições, o mundo formado e sustentado pela sociedade de consumidores fica claramente dividido entre as coisas a serem escolhidas e os que as escolhem; as mercadorias e seus consumidores: as coisas a serem consumidas e os humanos que as consomem. Contudo, a sociedade de consumidores é o que é precisamente por não ser nada desse tipo. O que a separa de outras espécies de sociedade é exatamente o embasamento e, em última instância, a eliminação das divisões citadas acima. Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria⁷⁷.

⁷⁴ BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p22

⁷⁵ ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. **Usando Crianças Para Vender**: Infância E Consumo Na Publicidade De Revistas. In. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.230-248, jul./dez. 2010

⁷⁶ BAUMAN, Z. **Vida Para Consumo**. A Transformação das Pessoas em Mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p13

⁷⁷ BAUMAN, Z. Op. Cit. p20

Consumir deixou de ser sinônimo de adquirir bem ou serviço, tornou-se a marca que organiza todas as relações da modernidade líquida, fazendo-nos consumidores também de emoções, ideias, modos de ver a vida, de portar-nos, falar e pensar. A esse processo, Bauman chama de “comodificação”, a transformação em commodity, em bem de consumo. Sendo assim, o grande desafio do indivíduo da modernidade líquida é se manter dentro dessa lógica de construção da identidade a partir do que é capaz de consumir e assim se tornar, ele mesmo, um produto vendável.

A tarefa de se tornar atrativo para o mercado das relações está sempre baseada em habilidades adultas. As crianças não são produtivas, não fazem parte do mercado de trabalho, não possuem renda nem autonomia para comprar. No entanto, nascer na cultura consumista não significa apenas acompanhar de fora, pacificamente, a sociedade girando em torno do eixo do consumo. Para a manutenção desse sistema, as crianças são chamadas a fazer parte, a “entrar no jogo” desde muito pequenas, garantindo que ele continue nas futuras gerações. Cada vez mais as crianças estão enredadas na ordem do consumo⁷⁸. A lógica da antiga sociedade de produção refletia o adultocentrismo pelo não reconhecimento do que as crianças poderiam produzir ou, nos piores casos, pelo abuso do trabalho infantil. Na sociedade de consumo, o adultocentrismo se manifesta de maneira diferente. Não se trata de exclusão absoluta da criança, mas da inviabilidade da vivência da subjetividade da infância. Ela não é mais forçada a produzir, é estimulada a consumir. Seu corpo não é mais adestrado, todavia sua mente é cativada. Todo esse processo de condicionamento da mente da criança é chamado por Bauman de “gerenciamento do espírito”. “É nesse mundo que as crianças nascem, é nesse mundo que elas crescem e é a esse mundo que devem pedir admissão quando se tornam adultas. As crianças observam. E aprendem”⁷⁹.

Ao contrário do que acontece na esfera da produção, a participação das crianças na esfera do consumo não é postergada para o futuro, mas se estabelece e se intensifica no tempo presente, vivido de forma acelerada e fugaz. Assim, as crianças assumem uma posição estratégica como consumidores atuais e futuros, que nasceram e vivem imersos num ambiente social em que as demandas de consumo se renovam de forma incessante e contínua. De acordo com Castro (1998, p. 60), na sociedade de consumo

⁷⁸ ANDRADE. P. D.; COSTA. M. V. **Usando Crianças Para Vender**: Infância E Consumo Na Publicidade De Revistas. In. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.230-248, jul./dez. 2010

⁷⁹ BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p143

as crianças “usufruem de reconhecimento social, e de um lugar indisputável na cultura, agora não mais invisíveis por não poder trabalhar ou produzir, mas eminentemente como agentes, porque podem consumir”.⁸⁰

A visão adultocêntrica da sociedade de produção tem a criança sempre no sentido da falta, do ser ainda não pronto ou em passagem. Tal concepção está intimamente ligada à relação desigual de poder e distribuição de riqueza. As crianças não são economicamente produtivas, característica imprescindível no mundo. No entanto, a visão adultocêntrica da sociedade de consumo é mais sutil, mas não menos castradora. Há uma capa de inclusão, de reconhecimento da criança, mas, na verdade, mata-se a infância para que os adultos lucrem ainda mais e o status quo seja perpetuado. Novos consumidores são formados desde pequenos com ajuda da publicidade voltada para as crianças, que dá a elas status de adultos. “Ou seja, as crianças são retiradas do lugar de ‘futuros cidadãos’ em processo socializante, pois uma vez consumidoras são cidadãs iguais aos demais. Desta forma, esta nova cultura trouxe outra maneira de reconhecimento social das crianças”⁸¹. Um processo de reconhecimento pela adultificação da criança e assassinato da infância; um suposto “amadurecimento” que dirige as crianças para longe das qualidades humanas da infância.

A espiritualidade pode ser um dom de nascença da criança, mas foi confiscada pelos mercados de consumo e rerepresentada como um lubrificador das rodas da economia de consumo. A infância, como sugere Kiku Adatto, se transforma numa "preparação para a venda do ser" à medida que as crianças são treinadas "para ver todos os relacionamentos em termos de mercado" e encarar os outros seres humanos, incluindo os amigos e membros da família, pelo prisma das percepções e avaliações geradas pelo mercado.⁸²

As crianças sem infância são feitas consumidoras e mercadoria. São treinadas desde cedo a construir sua identidade a partir do que consomem e a aceitar seu papel de consumidoras ávidas e informadas – preferivelmente desde o berço. O dinheiro gasto no treinamento não será desperdiçado⁸³. Mas, há algo mais. Não se trata apenas de investimento no futuro. Em 2002, por exemplo, as crianças de 4 a 12 anos

⁸⁰ ESPERANÇA, J. A. **Que tempo é esse? Que infância é essa?** A reinvenção dos modos de ser criança na sociedade de consumidores. In. Textura, n.32, set./dez.2014.

⁸¹ CALDAS, J. O.; CALDAS, R. O. **Infância, consumo e narrativa**. In. Revista Augustus, Ano 15, n30, ago.2010.

⁸² BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p151

⁸³ BAUMAN, Z. Op. Cit. p147

influenciaram diretamente cerca de 300 bilhões de dólares em compras feitas por adultos, e foram responsáveis por 30 bilhões de dólares em compras usando seu próprio dinheiro⁸⁴. “A criança é capaz de controlar uma parcela de renda da família, além de afetar as decisões de compra dos adultos, intermediando escolhas bem-informadas sobre marcas e lançamentos de produtos”⁸⁵. O mercado publicitário já percebeu a grande importância de vender para as crianças e hoje elas são o epicentro da cultura de consumo, “demandam atenção, criatividade e dólares dos anunciantes. Suas preferências direcionam as tendências de mercado. Suas opiniões modelam decisões estratégicas corporativas”⁸⁶.

Nessa sociedade marcada pela lógica de mercado, a criança se percebe sempre num ambiente competidor no qual a colaboração e os afetos estão o tempo todo em negociação e o ódio e a disputa são os padrões relacionais. A sociedade adulta tem matado a infância das crianças com sua cultura de consumo. “Livrá-los das garras do mercado é a grande missão do cristão envolvido com o ensino infantil. Ele não deve permitir que o mercado transforme as crianças apenas em consumistas.”⁸⁷

Por fim, ao olhar para esse cenário adultocêntrico, onde Deus, o cristão e o mundo são construídos em torno da lógica adulta, esperamos problematizar a questão e contribuir para o desafio contemporâneo de proteção às crianças. A postura que se espera diante de tudo isso é a mesma que esteve presente também nos magos que foram visitar o menino Jesus no primeiro Natal: “Eles preferiram a defesa da criança inocente do que a amizade do rei poderoso”⁸⁸. O poder da racionalização, da institucionalização e do consumismo não pode seduzir o coração daqueles que se lançam no discipulado com o Cristo.

⁸⁴ BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p149

⁸⁵ ESPERANÇA, J. A. **Que tempo é esse? Que infância é essa?** A reinvenção dos modos de ser criança na sociedade de consumidores. In. Textura, n.32, set./dez.2014.

⁸⁶ ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. **Usando Crianças Para Vender: Infância E Consumo Na Publicidade De Revistas**. In. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.230-248, jul./dez. 2010

⁸⁷ RAMOS, A. A Melhor Parte da Vida Humana. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.81

⁸⁸ PADILLA, R. Del Rechazo El Abrazo: Iglesia, Niñez e Inclusión. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p89. Tradução nossa.

Num mundo onde o adultocentrismo é a realidade cotidiana que rege as perspectivas sobre Deus, sobre o ser cristão e sobre a sociedade, faz-se necessário um novo olhar para os temas teológicos e para a Bíblia, olhar esse que não mais se faça a partir das narrativas adultas, racionalizantes, institucionalizantes e mercadologizantes, mas se construa de baixo para cima, a partir do menor, do pequenino. Tal olhar desafia a vida adultocêntrica, não apenas como novo conhecimento que vem se contrapor a outro já existente, mas, talvez o que é mais precioso, vem lembrar realidades esquecidas e encubadas pelas demandas da vida adulta. Assim, a criança é o novo ponto de partida de um nascente olhar hermenêutico. A pergunta sobre essa nova hermenêutica, que o teólogo sul-africano Nico Botha responde, é colocada por ele da seguinte forma:

As crianças estão forçando uma nova hermenêutica teológica sobre nós, e estão começando a fazer algumas pessoas se perguntarem se não estamos diante de uma nova ruptura epistemológica. Anteriormente, os pobres em suas lutas contra os sistemas econômicos opressivos, as mulheres em suas batalhas contra o patriarcalismo feminista e a Mãe Terra em seu grito contra o esquema objeto-sujeito da realidade criado pelos seres humanos para a pilhagem da natureza desafiaram a teologia e a Igreja para desenvolver novas teorias do conhecimento. As crianças estão desafiando a teologia e a Igreja a repensar, ou deveriam antes refazer a maneira pela qual chegamos ao conhecimento teológico e eclesiológico?⁸⁹

Essa nova hermenêutica proposta por Botha só poderá ser real se ousarmos viver um êxodo do mundo adultocêntrico e conquistarmos a terra prometida do mundo da criança. Não se trata de um lugar geográfico ou institucional, mas de uma transformação pessoal, uma conversão, um nascer de novo, onde a perspectiva do olhar da criança contagia todo o ser desse novo adulto.

A criança é uma pista para entrar no Reino, não porque a criança nos dá informações mediante um exemplo ou simbolismo, mas porque nos conduz a fazer uma crise, dissolve nossa certeza existencial e nossas convicções e nos leva a possibilidades

⁸⁹ BOTHA, N. **Children as theological hermeneutic: Is there a new epistemological break emerging?** In. HTS Theological Studies 72(1), a3110, 2016. Tradução nossa.

inesperadas. Ao mudar significativamente, chegamos a conhecer o que antes era escuro para nós.⁹⁰

É preciso certa dose de coragem para aceitar o desafio do nosso tempo e o convite tão generoso quanto urgente que as crianças nos fazem de olhar a realidade e se aventurar no fazer teológico a partir do contexto da infância. Essa audácia é encontrada nas próprias crianças ao se lançarem em exercício simultâneo de brincadeira e aprendizado; sem medo de aprender e com capacidade de se maravilhar com outro olhar que faz o antigo ganhar ares de primeiro contato; uma postura confiante de quem é maduro o suficiente para voltar a ser criança. O teólogo, dessa forma, torna-se o infante e o seu labor um jogo, sem que nunca a sua seriedade seja ameaçada.

Se a teologia fosse feita diante do rosto de uma criança com fome, ela seria muito menos conversa, argumentos e longos discursos e muito mais práxis cristã. (...) Se um teólogo falasse de conversão diante do rosto de uma criança pobre, ele a entenderia como abertura amorosa ao drama humano, abertura à tragédia dessas criaturas de Deus, abertura para a dor e desesperança destas crianças. (...) O teólogo perderia suas palavras, trabalharia em silêncio e que a única voz que deveria emitir seria justiça, justiça, justiça.⁹¹

A proposta de um fazer teológico contextual com a criança como lugar hermenêutico tem sua base num olhar para o próprio Cristo, para a forma com que ele se coloca em relação ao seu Pai, para a maneira como trata as crianças e para o paradigma que ele estabelece para os seus discípulos a partir da infância. Sendo assim, não somente é possível, mas também fundamental, que o entendimento de Deus e do próprio ser humano passe pela criança. Também o inverso é necessário: igualmente importante é entender a criança através da teologia e da antropologia. Nas duas direções a criança deve estar no centro das intenções. É um equívoco pensar que a infância apenas demanda uma atitude pastoral de cuidado sem ter nada a contribuir; pelo contrário, ela traz um aporte essencial para o fazer teológico, nos permitindo ter vislumbres de vários temas relacionados ao Reino de Deus. Tanto a teologia pastoral quanto a teologia sistemática são afetadas por uma análise cuidadosa da infância.

⁹⁰ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.56. Tradução nossa.

⁹¹ SIMARRO, Juan. **Teólogos ante la faz de un niño pobre**. Protestante Digital, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/jttGh0>>. Acesso em: 6 dez. 2017. Tradução nossa.

Aí há um caminho para a salvação desse mundo adulto. Há algo de especial e misterioso no humano de pouca idade, mesmo que se admita, a partir dessa afirmação, a dualidade de perigos: primeiro, o de suprimir os direitos e o valor das crianças por conta de uma visão adultocêntrica da vida e da fé; segundo, o de sacralizar e idolatrar a infância, colocando-a como foco principal do fazer teológico. Pode se errar pela falta ou pelo excesso, pela ausência ou pelo sufocamento, pela omissão ou pela ação. É precioso, então, respeitar o lugar exato da criança e superar esses riscos, conhecendo o valor singular da infância em sua relação com Deus.

Para além do valor que o ser humano de qualquer idade possui na teologia cristã, há algo de único na relação da criança com Deus, algo que faz dela alguém bastante parecida com a figura do místico. É o que defende Sofia Cavalletti, a criadora da conhecida Catequese do Bom Pastor. Em sua experiência com as crianças e sua devoção às Escrituras, ela desenvolveu a tese de que a criança possui uma ligação mística e misteriosa com Deus, que precede a intelectualidade e as exigências religiosas sociais. A criança, por si só, é seduzida por Deus: "Deus e a criança se dão bem juntos"⁹², ela diz. Essa atração natural a Deus, quando satisfeita, segundo Cavalletti, provoca uma alegria singular na criança, diferente da euforia que qualquer outro estímulo pode provocar. Há uma qualificação nessa alegria, uma paz provocada pelo contato com a expressão religiosa que torna a criança serena e calma. É uma experiência que envolve a satisfação total do ser: "O meu corpo está contente" nos conta Cavalletti sobre as palavras de Stefania, uma criança que se expressou depois de passar longo tempo em oração com seus colegas. Essa alegria e paz profundas expressa pelas crianças se assemelham à experiência extática de união com Deus descrita pelos místicos. Juliana de Norwich fala do "supremo deleite espiritual em minha alma" e Teresa de Ávila fala de "uma profunda alegria interior" mesmo em face do sofrimento e da perseguição⁹³. Seu livro *O Potencial Religioso da Criança* é recheado de histórias e diálogos de crianças que, segundo ela, são "momentos fugazes, semelhantes a um clarão que ilumina vivamente e logo em seguida se apaga"⁹⁴. Essas palavras e atitudes completamente inesperadas e inexplicáveis dos mais pequeninos permitem que Cavalletti afirme que há certas

⁹² MOORE, P. *The Child as Mystic*. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue XII, out.2006. Tradução nossa.

⁹³ MOORE, P. Op. Cit. Tradução nossa.

⁹⁴ CAVALLETTI, S. *O Potencial Religioso da Criança*. Descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p29

potencialidades e riquezas nas crianças cujo caráter não conseguimos definir claramente. Ela mesma reconhece a dificuldade de se comprovar cientificamente sua tese, visto que os fenômenos são incontroláveis e, assim como a experiência dos místicos, são uma espécie de mistério que deve ser recebido com contemplação. Mesmo assim, defende que a criança possui conhecimentos misteriosos. "As crianças sabem, no que diz respeito à religião, de coisas que ninguém nunca ensinou"⁹⁵. Woggon formula a tese de Cavalletti assim:

Nunca poderemos saber com exatidão o que uma criança está internalizando ou que conhecimento já existe nela. Certamente há uma profunda capacidade de gozar a presença de Deus e parece que há um conhecimento inato, intuitivo e interior, como os místicos, que vai muito mais fundo do que qualquer coisa que poderíamos ensiná-las. Às vezes esse conhecimento assume expressões que realmente parecem semelhantes aos místicos, mas nem sempre sabemos como interpretá-lo ou até mesmo separá-lo de "apenas coisas de crianças". O principal é que isso nos mantém na questão sobre os dois grandes mistérios: Deus e a criança.⁹⁶

Woggon também nos ajuda a perceber que, observando a criança, é possível identificar momentos místicos que parecem ter fundamento numa profunda conexão interior com Deus, num acesso imediato, instantâneo e familiar, conexão essa que vai se perdendo com a idade e é percebida com mais intensidade nas crianças mais novas. "As crianças pequenas vivem no mundo metafísico dos místicos e estão em sintonia com as harmonias espirituais que o resto de nós mal pode ouvir."⁹⁷ Um fenômeno que para Woggon comprova sua tese é relacionada à maneira como criança e místicos vivem a experiência do tempo. A ideia de passado ou futuro, medição de tempo, ontem e amanhã, são quase incompreensíveis para a criança, que vive um eterno presente, no aqui e agora. Os místicos, por sua vez, também são aqueles que pela oração e contemplação conseguem entrar num estado profundo de consciência em que o tempo parece estar parado ou, simplesmente, não existe mais. Balthasar também toca nesse aspecto dizendo que a criança recebe o tempo com "indiferença", ou seja, ela não conhece agendas ou compromissos pré-estabelecidos, não usa ou aproveita o tempo como se tivesse consciência de sua brevidade, não se espanta com a fugacidade da vida. Assim Balthasar formula:

⁹⁵ CAVALLETTI, S. **O Potencial Religioso da Criança**. Descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p35

⁹⁶ WOGGON, G. **Sittin' in the Lap of God**. The Child as Mystic Among Us. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue VII, jan.2004. Tradução nossa.

⁹⁷ WOGGON, G. Op. Cit. Tradução nossa.

Somente em um tempo assim é possível brincar, mas também entregar-se indefeso ao sono. E é também somente num tempo assim que é possível a um cristão encontrar Deus em todas as coisas, assim como Cristo encontrou o Pai em todas as coisas. O homem pressionado e com pressa (ou seja, oprimido) restringe o encontro com Deus a um "momento livre" - sempre adiado - e a um "tempo de oração", laboriosamente arrancado da sua sobrecarregada lista de tarefas diária. Uma criança que conhece a Deus pode encontrá-lo em cada instante, pois cada instante toca o fundamento do tempo, repousa misteriosamente na eternidade.⁹⁸

Outra ajuda fundamental para o entendimento da singularidade da infância em sua relação com Deus vem do teólogo Karl Rahner. Para ele, "a infância em si tem uma relação imediata com Deus, faz fronteira com o Deus absoluto, não só através das outras idades, mas por si mesma"⁹⁹. A criança é o início da vida, a origem da pessoa humana, o começo do ser e, por isso mesmo, é um mistério que acolhe o paradoxo de já ser tudo em si, mas ainda vai começar a ser. Esse começo misterioso do ser humano é sempre uma tensão inexplicável e incontornável, o ser humano apenas o realiza e sofre. Tal tensão, defende Rahner, se apresenta entre a originalidade da vida que surge e a continuidade de uma história onde a criança se insere; entre a perspectiva de futuro como desdobramento do passado e o destino livre de ineditismo a ser construído; entre o pecado original e a graça redentora de Deus. Rahner entende que "o mistério da infância é, em última análise, o mistério de Deus mesmo"¹⁰⁰.

Moltmann também parece concordar com a ideia de que a criança é um mistério que abriga uma tensão relacionada ao ineditismo da vida:

Toda criança nascida e acolhida representa um novo início da vida, que não entendemos imediatamente, pelo fato de ser original, único e incomparável. É verdade que sempre perguntamos com quem a criança se parece - "totalmente com a mãe" ou "totalmente com o pai" - porque apenas tentamos compreender o novo e singular em comparação com o que já é conhecido, pois não estamos preparados para o que é singular e novo. Contudo, quando fazemos essas comparações e recordamos o que já nos é conhecido, é que justamente nos confrontamos com o que há de original e totalmente incomparável numa criança. É necessário reconhecer e respeitar isso.¹⁰¹

⁹⁸ BALTHASAR, H. U. V. **Si no os hacéis como este niño**. Rafaela: Fundación San Juan, 2006. Tradução nossa.

⁹⁹ RAHNER, K. **Pensamentos para uma teologia da infância**. In: Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

¹⁰⁰ RAHNER, K. Op. Cit. Tradução nossa.

¹⁰¹ MOLTMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p31

Moltmann acredita que em cada criança está manifestada a esperança da habitação de Deus com os homens. Não somente na criança messiânica, mas em toda criança está o vislumbre da pátria celestial, da vida plena, abundante, do Reino de Deus. Aquilo que é alvo da esperança escatológica, tem vislumbres no aqui e agora através infância vivida em proteção e liberdade. Moltmann diz que as "crianças vivem espontânea e inconscientemente no obscuro de Deus vivenciado. O que resplandece em sua infância, despertando a nostalgia da pátria da identidade, é o amor pleno de Deus"¹⁰². Esse é o ponto central que torna a infância singular na relação do ser humano com Deus: a experiência do amor. Em seus textos sobre a Teologia da Criança, Moltmann, Rahner e Balthasar, os três, fazem questão de destacar o quanto a falta dessa experiência de amor na infância pode prejudicar o desenvolvimento integral da pessoa, bem como sua percepção de Deus como Pai amoroso ou até mesmo de sua existência. Para o ser humano, não há nada mais fundante, essencial, do que essa experiência de amor na infância.

Entre a mãe e a criança que amamenta existe uma "identidade originária", como nos lembra Balthasar. A experiência de amor da criança é constitutiva, um processo de autoconhecimento. Mais que isso, a criança e a mãe vivem o processo de autonomia gradativa mútua, ou seja, a criança que antes era uma com a mãe em seu ventre, vai se emancipando na medida em que amadurece e ganha identidade própria, sem nunca perder o vínculo estabelecido pelo amor fundante. Nesse processo, defende Balthasar, há uma revelação da própria Trindade que é inseparável e está sempre unida pelos vínculos do amor. A dinâmica de separação em autonomia das pessoas e a conservação da unidade em amor é o que Balthasar denomina "*imago trinitatis*". Evidentemente, a criança não entende toda a complexidade intelectual da ideia de Deus trino, mas, na vivência do amor com os pais, é capaz de conhecer o Deus-Amor. Ele afirma que "para a criança, o amor dos pais não é separado do amor de Deus, e essa distinção só deve ser mostrada, lentamente e com bastante cuidado, na humildade dos pais e de sua própria dependência de Deus"¹⁰³.

¹⁰² MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p30

¹⁰³ BALTHASAR, H. U. V. **Si no os hacéis como este niño**. Rafaela: Fundación San Juan, 2006. p24. Tradução nossa.

No entanto, Cavalletti traz uma perspectiva que complementa o entendimento da dinâmica dessa experiência de amor vivida pelas crianças e que singulariza sua relação com Deus. Para ela, a aproximação natural da criança a Deus não nasce de uma demanda ou de uma carência que ela tem, mas é fruto justamente de sua capacidade originária de corresponder ao amor de Deus. Suas naturezas se comunicam e se atraem. Rahner traduz isso dizendo que Deus e a criança compartilham do mesmo mistério; Moltmann denomina de pátria essa experiência de pertencimento que a criança encontra em Deus; Balthasar explica a "*imago trinitatis*" pela "identidade originária" que a criança tem com a mãe; Cavalletti, por sua vez, sistematiza assim:

Acreditamos que a criança tenha, mais do que qualquer outra criatura, necessidade de amor, porque ela própria é rica de amor; a sua necessidade de ser amada depende não exatamente de uma carência que deve ser preenchida, mas de uma riqueza que procura algo que lhe corresponda. (...) Não é, portanto, na procura de compensação que a criança se volta para Deus, mas numa profunda exigência de natureza. A criança tem necessidade de um amor global, infinito, tal que nenhum ser humano é capaz de lhe dar. Nenhuma criança - acredito - nunca foi amada na medida que ela gostaria e da qual teria necessidade.¹⁰⁴

Com essas grandes contribuições, pode-se dizer até aqui que a criança é o caminho de redenção do mundo adultizado, justamente pelo fato de que nela está a relação singular de Deus com o ser humano. Ela possui uma atração especial a Deus, experimenta lampejos inexplicáveis que se assemelham aos dos grandes místicos da Igreja e toca o mistério de Deus na dinâmica da experiência do amor primário. "É fácil ver que a criança é pequena e fraca, não é tão fácil ver uma força dentro da criança, não em potencial, mas realmente presente"¹⁰⁵. Sabendo disso, é possível agora tê-las como paradigma no olhar hermenêutico para alguns temas teológicos. Faremos isso a partir da constatação de Cavalletti de que nos evangelhos a criança deve ser considerada como "parábola humana"¹⁰⁶. Assim como Cristo exemplificou importantíssimos conceitos com histórias, personagens, objetos, animais, também a criança é parábola de verdades igualmente essenciais.

¹⁰⁴ CAVALLETTI, S. **O Potencial Religioso da Criança**. Descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p38

¹⁰⁵ CAVALLETTI, S. **The Child as Parable**. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue III, fev.2000. Tradução nossa.

¹⁰⁶ CAVALLETTI, S. Op. Cit. Tradução nossa.

Ao assumir que a criança é metáfora, não se pode perder de vista tudo que já foi dito sobre sua singularidade. Não se trata aqui de mais uma simples exemplificação de lições formidáveis, como se a criança fosse menos importante do que aquilo que ela exemplifica. Mas é justamente porque ela possui uma singularidade que se torna, então, metáfora daquilo que Cristo quer ensinar. Em outras parábolas de Jesus – a da semente de mostarda (Mateus 13:31-32), da levedura que fermenta a massa (Mateus 13:33), do grão de trigo (Marcos 4:28), da semente que produz a cem por um (Mateus 13:8) – encontra-se a lição de que o Reino de Deus é como uma potencialidade que no futuro virá a se concretizar. Mas não é disso que se trata a parábola humana da criança. A dualidade de grande e pequeno está presente também na metáfora da criança, mas, para Jesus, ela não é uma força prometida para o futuro, e, sim, realizada já agora, enquanto pequena. A relação da semente e da árvore é diacrônica, mas a relação do grande e do pequeno na criança é sincrônica. Pode-se dizer que mais próxima da lição que a criança ilustra está a expressão de Paulo ao receber a resposta de Deus sobre sua oração para que o livrasse do "espinho na carne": "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza." (2 Coríntios 12:9). O poder está precisamente no fato de que o apóstolo estava fraco e, enquanto assim continuasse, o poder estaria presente.

A criança é maior precisamente porque é a menor. Não temos que esperar para ver a grandeza dentro da criança percebida em um momento posterior, a grandeza já está presente em sua pequenez. Para entender a grandeza da criança, não precisamos olhar para o futuro distante, como no caso da semente de mostarda, mas é necessário buscá-la na pequenez atual, aprender a ver o poder, real e operacional, nela.¹⁰⁷

Nos evangelhos sinóticos há dois blocos de textos sobre a criança: o primeiro é composto pelos textos de Mateus 19:13-15; Marcos 10:13-16; e Lucas 18:15-17; o segundo, pelos textos de Mateus 18:1-6; Marcos 9:33-37; Lucas 9:46-48. Em ambos os grupos de texto, a criança é colocada por Jesus no meio de seus discípulos, trazendo toda atenção a ela, como figura mais importante, invertendo a ordem hierárquica de seu tempo. A criança é o modelo do Reino dos Céus. Essa é a mesma atitude que a reflexão sobre a Teologia da Criança deseja ter, de colocar a criança

¹⁰⁷ CAVALLETTI, S. **The Child as Parable**. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue III, fev.2000. Tradução nossa.

no centro da atenção para servi-la e perceber o que dela se pode aprender. No primeiro grupo de textos (Mateus 19:13-15; Marcos 10:13-16; e Lucas 18:15-17) encontramos o relato das crianças tentando chegar até Jesus e encontrando nos seus próprios discípulos a barreira que as impede. Jesus, vendo aquilo, censura seus discípulos, dizendo para não as impedir de chegarem até ele. Marcos e Lucas adicionam a essa história a declaração de que é necessário ser como uma daquelas crianças para receber o Reino dos Céus. No segundo grupo de textos (Mateus 18:1-6; Marcos 9:33-37; Lucas 9:46-48), não se fala mais em receber o Reino dos Céus ao se fazer como criança, mas em receber ao próprio Cristo e, conseqüentemente, o seu Pai que o enviou, ao acolher uma criança. O tema principal é a resposta de Jesus à pergunta dos apóstolos: quem é o maior no Reino de Deus? A criança surge, então, como parábola para essa resposta.

Percebe-se que a criança torna-se assim, mais do que uma categoria etária, uma realidade metafórica experimentada no mistério do Reino de Deus. Sem nunca perder a referência às de pouca idade, o seu simbolismo no Reino dos Céus transcende ao tempo de vida de uma pessoa e alcança todos os seres humanos em qualquer idade. Para Rahner, a infância biológica é um prelúdio da infância espiritual que o adulto pode ter, de modo que através de uma se compreende a outra. "De onde se deduz que a infância, ainda que em sentido humano, tem uma referência a Deus e se consuma e se aperfeiçoa na filiação divina"¹⁰⁸. Assim ele escreve:

E isso mesmo se deve dizer da infância, e com mais insistência, pois é a fase da vida que mais pode parecer provisória, como um andaime que quando o edifício está pronto, desaparece rápida e definitivamente. A infância permanece. Como tempo dado e confirmado, livremente assumido e construído, nunca é tempo passado e desaparecido. A infância é tempo permanente e momento interno e constitutivo da plenitude do ser, da existência humana, plenitude que chamamos eternidade do homem salvo e redimido. Nós não perdemos a infância quando a deixamos para sempre atrás de nós, mas vamos ao seu encontro, como o que foi feito e guardado no tempo. Seremos as crianças que fomos, porque um dia reconheceremos nosso tempo e infância na eternidade. Certamente, enquanto vivemos nossa infância permanece aberta e suscetível à decisão e à confirmação. Mas isso não significa que deixamos a infância, mas sim que nos dirigimos à eternidade e para a verdade última desta criança diante de Deus. Por isso a infância é importante para o destino do homem, não apenas como preparação para as futuras decisões transcendentais, mas muito mais como um tempo da sua história pessoal, que desenvolve o que somente nele

¹⁰⁸ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

pode se desenvolver, e somente nesse campo poderão florescer flores e frutos que serão tomadas para os celeiros eternos.¹⁰⁹

O que se pretende agora é mostrar para onde aponta essa singularidade da criança sinalizada por Jesus como uma parábola que todo adulto pode experimentar. A criança é metáfora do quê? O que ela sinaliza? O que a infância tipifica? A resposta é que a criança nos ajuda a entender Cristo e o próprio Deus, torna-se paradigma da vida de todo aquele que quer ser discípulo de Cristo e resume em si todas as vulnerabilidades, transformando-se, assim, na mais profunda ilustração da pobreza espiritual.

3.1 CRISTO: O FILHO CRIANÇA DE DEUS

O que os evangelhos sinóticos dizem é que receber uma criança é o mesmo que receber o próprio Cristo, e receber o Cristo é receber Deus, que o enviou. Em Mateus, encontra-se: "Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo." (Mateus 18:5). O vínculo entre o Cristo e a criança já está aí presente. Em Marcos, a ideia evolui um pouco mais: "e quem me recebe, não está apenas me recebendo, mas também àquele que me enviou." (Marcos 9:37). Agora, a criança está ligada ao próprio Pai, intermediada pelo Filho. Lucas faz uma conclusão do conceito explicitando a implicação dele para a vida dos discípulos do Cristo: "Pois aquele que entre vocês for o menor, este será o maior." (Lucas 9:48). O importante para o presente estudo é o fato de que o próprio Cristo tem a criança como metáfora de si mesmo, permitindo a dedução de que receber a criança é receber o próprio Deus. Moltmann diz que "com essas identificações, Jesus constitui as crianças como seus representantes na sociedade. Assim como Deus está presente nele em virtude de sua missão messiânica, igualmente Cristo está presente em cada criança"¹¹⁰. Cavallett também comenta sobre esse texto dizendo que:

Na criança, como em Cristo, é evidente que o poder de Deus se revela na fraqueza. Ele também esclarece por que o Reino de Deus pertence às crianças em particular, e por que elas podem ser consideradas o modelo para quem quer entrar nele. Há uma profunda afinidade entre Cristo e os filhos, que não se deve à posse ou prática desta

¹⁰⁹ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

¹¹⁰ MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p27

ou daquela virtude moral, mas ao estado existencial da criança: a criança é portadora privilegiada dessa realidade que Cristo veio revelar e para realizar da maneira mais completa em sua própria pessoa.¹¹¹

Desde muito cedo na história de Israel, a criança já estava associada ao Messias esperado. Um ditado judaico dizia que "em cada criança poderá nascer o messias". Mesmo antes do exílio, a criança prometida a Abraão e Sara já apontava para a esperança do povo. Isaías profetizava sobre a criança que traria a redenção para sua nação: "Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros." (Isaías 9:6). "Essa voz que anuncia a presença de Deus, doadora de vida e prometida a seu povo, não se caracteriza pela chegada de algum poderoso guerreiro nem de um sagaz político, mas sim com o nascimento de uma simples criança."¹¹² O que não é o Natal senão a celebração cristã da chegada dessa criança messiânica? O Deus que se encarna como criança confere significado especial a toda infância. Não que Cristo tenha se tornado criança no momento de sua encarnação, mas a sua encarnação como criança revela sua identidade infante pré-existente. O Filho-Criança de Deus foi gerado na eternidade, "o primogênito de toda a criação" (Colossenses 1:15), "antes de todas as coisas" (Colossenses 1:17), manifestado agora como criança humana. Heráclito escreve:

O éon é uma criança que brinca,
movimentando pedras de um tabuleiro,
domínio real de uma criança.¹¹³

Semelhantemente a Heráclito, a tradição sapiencial de Israel também aponta para a criança que brinca vinculada a Sabedoria de Deus, presente com ele mesmo antes da fundação do mundo.

Quando ele estabeleceu os céus, lá estava eu, quando traçou o horizonte sobre a superfície do abismo, quando colocou as nuvens em cima e estabeleceu as fontes do abismo, quando determinou as fronteiras do mar para que as águas não violassem a sua ordem, quando marcou os limites dos alicerces da terra, eu estava ao seu lado, e era o seu arquiteto; dia a dia eu era o seu prazer e me alegrava continuamente com a

¹¹¹ CAVALLETTI, S. **The Child as Parable**. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue III, fev.2000. Tradução nossa.

¹¹² PADILLA, R. Del Rechazo El Abrazo: Iglesia, Niñez e Inclusión. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p74. Tradução nossa.

¹¹³ MOLTMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p17

sua presença. Eu me alegrava com o mundo que ele criou, e a humanidade me dava alegria. (Provérbios 8:27-31)

Balthasar comenta que esse texto transcende o dualismo entre brincadeira e seriedade. Deus vê o ato da criação com extrema seriedade "no entanto, sua sabedoria, que está ao seu lado, a tudo encara como uma brincadeira. (...) Uma brincadeira que leva à flagelação e à coroação com espinhos, mas não deixa de ser brincadeira e deleite"¹¹⁴. Em João, Cristo é apresentado como essa sabedoria de Deus presente na criação. Cristo é essa criança que brinca em Heráclito e em Provérbios. Interessante observar que em Provérbios a criança não se trata de um menino, mas de uma menina, no feminino. Cristo é o menino e a menina. A criança.

A visão de Cristo sobre ele mesmo revela profunda consciência de que sua infância não se encerrou com a passagem dos anos, mas continua presente na sua relação de subordinação, dependência e confiança no Pai. Balthasar defende que o elemento infantil em Cristo é o fato de ele não rogar para si a glória, mas de querer revelar "apenas a bondade, a grandeza e a majestade do seu Pai, assim como os filhos normalmente se vangloriam de seus pais"¹¹⁵. O Cristo apresentado no evangelho de João está sempre reafirmando essa relação: "O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo." (João 7:16,17); "o Pai é maior do que eu." (João 14:28); "Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz." (João 5:19); "Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, pois sempre faço o que lhe agrada" (João 8:29); "Ainda que eu mesmo testemunhe em meu favor, o meu testemunho é válido, pois sei de onde vim e para onde vou." (João 8:14); "Quem crê em mim, não crê apenas em mim, mas naquele que me enviou. Quem me vê, vê aquele que me enviou. (...) Pois não falei por mim mesmo, mas o Pai que me enviou me ordenou o que dizer e o que falar." (João 12:44-49).

Bingemer explica essa identificação de Jesus como criança a partir da forma com que se referia a seu pai usando a palavra *Abba*, expressão de maior intimidade entre um filho e seu pai. Apesar de essa palavra ser utilizada por filhos de todas as

¹¹⁴ BALTHASAR, H. U. V. **Jesus as Child and his praise of the child**. In. *Communio: International Catholic Review*, n22, inverno, 1995. Tradução nossa.

¹¹⁵ BALTHASAR, H. U. V. Op. Cit. Tradução nossa.

idades, crianças ou adultos, sua origem vinha do balbucio das crianças quando começavam a falar: 'papa' ou 'mama'. Um judeu nos tempos de Jesus jamais ousaria utilizar essa palavra para dirigir-se a Deus, mas foi exatamente assim que Jesus se referiu àquele de quem ninguém sequer pronunciava o nome. "Jesus, portanto, se identifica com a infância e tem em si o espírito da infância: de confiança, de inocência, de entrega total e amorosa a Deus que reconhece como Abba Pai"¹¹⁶. Bingemer conclui assim:

Vemos que Jesus não somente defende e protege as crianças, as valoriza como modelo a ser seguido por seus discípulos, lhes dá preferência no Reino de seu Pai, mas também se identifica com elas. A vivência de sua relação filial com o Pai, seu Abba (que é em si mesmo uma expressão que uma criança dizia a quem lhe devia a vida e de quem dependia para tudo), lhe faz sentir como as crianças.¹¹⁷

A harmonização necessária para o entendimento entre essa consciência progressiva de Jesus acerca de sua filiação divina e os textos que afirmam que ele "crescia em sabedoria" (Lucas 2:40, 52) e "aprendeu a obedecer" (Hebreus 5:8) é possível através da afirmação de que ele era uma criança nascida do Espírito. Sem assumir a possibilidade de crescimento e aprendizado de Jesus não se pode admiti-lo simbolizado pela criança e, até mesmo, o entendimento de sua encarnação fica comprometido. Toda a vida de Jesus, em todas as idades, revela a realidade do Filho-Criança de Deus que crescia e aprendia a todo instante, sobretudo ao chegar à cruz e ser glorificado na ressurreição. Uma perspectiva da Trindade como família pode jogar luz sobre a simbologia de Cristo na criança: a figura paterna é característica da primeira pessoa da Trindade; a figura materna pode ser encontrada na terceira pessoa, o Espírito; a figura do filho criança é dada, então, à segunda pessoa da Trindade, o Cristo, o Filho de Deus. O Pai envia, o Espírito-Mãe gera e o Filho encarna e, assim, revela o mistério da unidade em amor da Trindade. Podemos dizer que o Filho-Criança é a Palavra no poder do Espírito: a Palavra (logos) é a concretude, a materialização, a encarnação de Deus; o Espírito (pneuma) é o poder, a motivação, a interioridade; a Palavra se fez homem e o Espírito o capacitou a ser criança; pela Palavra, o ser humano é criado e, pelo Espírito, pode

¹¹⁶ BINGEMER, M. C. Rostros de Jesús en la infancia latinoamericana. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p40. Tradução nossa.

¹¹⁷ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p39. Tradução nossa.

nascer novamente e recuperar sua infância. Na comunhão da Trindade está a Criança.

Tão importante quanto entender o Cristo pelo simbolismo da criança é poder ressignificar a infância humana pela ação do Cristo encarnado. "Cada criança vem ao mundo como uma expressão encarnada do nosso Deus Criador, que se torna carne para nós mais plenamente na pessoa de Jesus, o Verbo Encarnado"¹¹⁸. O Filho de Deus, eternamente criança, ao encarnar numa criança humana, confere um especial sentido a todas as outras infâncias. Rahner sistematiza essa relação entre a filiação divina e a infância humana da seguinte forma:

A infância humana não é uma realidade que, de modo metafórico e poético, se aplique a filiação divina, mas a filiação divina tem na infância seu último fundamento e manifesta o que é. Somente se compreende a última essência da infância ao captar a filiação divina; e quando queremos saber o que esta filiação divina significa, devemos deixar que o movimento interno, transcendente e sem limites que habita na infância humana, nos adentre no sentido da tradição cristã sobre o Pai que esta nos céus, e sobre a fraternidade dos filhos de Deus.¹¹⁹

Assim como a luz da criança ilumina o Cristo, a filiação divina também ilumina toda infância humana. Balthasar também se utiliza da encarnação do Cristo para dignificar a criança dizendo que "é preciso que a encarnação nos mostre que nascer não tem apenas um significado antropológico, mas também teológico, eterno, e que vir de um ventre gerador, nascido de outro, é a beatitude final, insuperável."¹²⁰ Nessa perspectiva, em cada criança há a figura messiânica que carrega a esperança do povo. Assim como Cristo ao nascer aponta para um novo Reino, cada pessoa quando inspira pela primeira vez é sinal de um novo tempo. Moltmann descreve da seguinte forma:

Uma sociedade que impõe às suas crianças os modelos preexistentes do mundo dos adultos priva-se de seu próprio futuro. Com cada criança entra algo novo no mundo e dessa renovação da vida podemos esperar algo para o esperado Reino da paz e para a vida plena. "Crianças são a novidade", dizia com razão Maria Montessori, citando

¹¹⁸ WOGGON, G. **Sittin' in the Lap of God**. The Child as Mystic Among Us. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue VII, jan.2004. Tradução nossa.

¹¹⁹ RAHNER, K. **Pensamentos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

¹²⁰ BALTHASAR, H. U. V. **Jesus as Child and his praise of the child**. In. Communio: International Catholic Review, n22, inverno, 1995. Tradução nossa.

Emerson: "A criança é o eterno messias, que sempre retorna para o meio das pessoas caídas, para conduzi-las ao Reino de Deus".¹²¹

A proposta não é uma espécie de idolatria à criança. A infância não deve ser feita um deus, mas Deus se fez e faz como criança. Um provérbio chinês diz que "quando um sábio aponta uma estrela, o tolo olha o dedo". A criança apenas aponta para Deus, mas não é o próprio Deus. Não se pode perder esta ressalva de vista sem prejuízo no entendimento do próprio Deus e na formação saudável da criança. Bunge usa como ilustração a figura de uma montanha para explicar essa advertência. Ele diz que a criança é como uma montanha onde Deus está, lá de cima sua presença é ainda mais visível¹²². Bunge conclui que "a criança é um representante chave de Deus em Jesus, um representante, mas aqui devemos ser muito claros: não é um substituto"¹²³.

Que mistério é uma criança!
Deus também foi criança.
Por sermos filhos de Deus,
Uma criança veio redimir-nos.
Que mistério é uma criança!
Quem tiver percebido isso,
Está ligado às crianças pelo Menino Jesus.¹²⁴

3.2 VIDA CRISTÃ: SE FAZER COMO CRIANÇA

Além de serem uma parábola do próprio Cristo, as crianças também são metáfora que exemplifica a vida exigida por esse Cristo aos seus discípulos. O Reino onde o Cristo governa apenas pode ser acessado por quem se faz como uma criança. Nas palavras de Rahner: "O homem permanece religioso quando experimenta a infância originária"¹²⁵. Nas palavras de Jesus em Mateus "o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas" (Mateus 19:14). Em Marcos e Lucas ainda é acrescentado: "Quem não receber o Reino de Deus como uma

¹²¹ MOLTMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p29

¹²² BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.24

¹²³ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). Op. Cit. p.27. Tradução nossa.

¹²⁴ MOLTMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p17

¹²⁵ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

criança, nunca entrará nele" (Marcos 10:14,15 e Lucas 18:16,17). Essas palavras de Jesus fazem parte de uma repreensão direcionada aos seus apóstolos, quando impedem as crianças de se achegarem a ele. Os apóstolos reproduzem a lógica do seu tempo ao excluir a criança e deixá-las à margem dos assuntos que julgam ser exclusividade dos adultos homens. Com essa atitude, os discípulos revelam aquilo que está em seus corações: uma divisão entre aqueles que não merecem estar perto de Jesus para serem abençoados com suas palavras e seu toque e aqueles que veem em si algum merecimento e julgam estar próximos de Jesus por algum valor que possuem a mais que os outros. Evidentemente, os discípulos olhavam para as crianças como parte do primeiro grupo e para si como integrantes do segundo. O sonoro "Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam" (Lucas 18:16) revela como o Cristo pensava diferente dos apóstolos e da sociedade do seu tempo em geral. Para Jesus, o lugar das crianças é perto dele, em seu colo, debaixo de suas mãos abençoadoras, no meio dos discípulos. No seu Reino elas são prioridade e são paradigma para todos que desejam se integrar a ele.

É preciso fazer uma distinção inicial neste ponto. As crianças são, sim, um paradigma a ser seguido pelos adultos que fazem parte do Reino dos Céus, mas não são essas características das crianças, não encontradas nos adultos, que fazem delas parte desse Reino. A humildade, a confiança e a abertura ao amor estão presentes de maneira especial na infância, mas não podemos admitir que alguma atitude humana abra as portas do Reino sem minimizar a graça de Deus que se faz incrivelmente forte no fato de acolher em seu Reino apenas pelo amor incondicional que destina a cada pessoa. Aquele que está no Reino "é tão marginal quanto uma pequena criança: está fora do comércio religioso onde as virtudes podem ser recompensadas. Somente a graça pode salvar"¹²⁶. Na infância, apenas, se está mais aberto a esse mistério de amor que a Trindade experimenta e, por isso, se apresenta como exemplo aos que já deixaram essa fase da vida. "Não é que a criança já tenha alcançado tudo isso, mas em suas atitudes vemos qual deve ser a atitude do homem que, apesar da ameaça e da tensão, se mantém aberto ao mistério e confia"¹²⁷. Moltman explica esse ponto desta forma:

¹²⁶ WHITE, K. J. **Introducing Child Theology**. Theological Foundations for Holistic Child Development. Penang: Compassion International, 2012. p80 Tradução nossa.

¹²⁷ RAHNER, K. **Pensamentos para uma teologia da infância**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

Isso certamente significa que a pessoa, diante de Deus, não deve considerar-se em sua força, mas em sua fraqueza, não em seu orgulho de ter-se tornado adulta, mas na humildade de ser uma criança. Entra-se no Reino de Deus quando se o acolhe como uma criança: com as mãos vazias. Para isso não é necessário tornar a ser criança, o que seria uma infantilidade, mas é necessário tornar-se “como uma criança”. Trata-se de uma comparação. As crianças não estão próximas do Reino de Deus por causa de suas características que os adultos perderam, tais como inocência, pureza e ingenuidade. Antes, o Reino de Deus está próximo a elas pelo fato de elas serem amadas, abraçadas e abençoadas por Deus. Quem experimenta a presença do Deus vivo na comunhão com Jesus torna-se igual a uma criança: a vida renasce e tem um novo início. A expressão posterior para significar isso será a filiação divina.¹²⁸

Existe aqui uma relação indissociável na postura do cristão entre o "se fazer criança" e a "imitação de Cristo". Como dito no ponto anterior, Cristo é o Filho-Criança de Deus: ele é a criança da família trinitária, viveu essa infância durante toda sua vida terrena, sua encarnação nos revela a criança por excelência e dá significado a toda infância humana. Paralelamente a isso, ele mesmo desafia seus discípulos a serem como ele, a tomarem a sua cruz e segui-lo, a fazerem coisas até maiores do que as que ele fez, a continuarem a sua missão no mundo como representantes dele mesmo. O que nos leva à conclusão de que ser como Cristo é ser como criança. Ou, dito de outra forma, as crianças são o exemplo mais próximo que temos do Cristo. Aprender com elas é parte fundamental do processo de discipulado e do entendimento da vontade de Deus para o homem maduro. Balthasar elucida o desafio de seguir a Jesus com maturidade sem nunca perder a infância:

Ao examinar as passagens dos Evangelhos que descrevem a relação especial de Jesus com os "pequeninos", "as crianças", os "imatuross", nunca devemos, de acordo com o que acabamos de dizer, separá-los da exigência de um adulto para segui-lo. Pois em Jesus as duas coisas são uma: origem eterna do Pai, sua filiação em relação ao Pai (*processio*) e toda sua resoluta missão resultante disso (*missio*). Do ponto de vista humano, o que separa a infância e a idade adulta é o que os Exercícios Espirituais de Santo Inácio chamam de "*electio*", ou seja, a escolha de um modo de vida definido; aqui a abertura ilimitada da infância a todas as possibilidades passa para a necessária e sábia limitação a uma única tarefa que deve ser realizada. No caso de Jesus, esse momento é finalmente desempenhado pela unidade de *processio* e *missio*, pela permanência da criança dentro de uma perfeita resolução sobre fazer isto e nenhuma outra vontade do Pai.¹²⁹

¹²⁸ MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p27

¹²⁹ BALTHASAR, H. U. V. **Jesus as Child and his praise of the child**. In. *Communio: International Catholic Review*, n22, inverno, 1995. Tradução nossa.

Chegar a essa maturidade de consciência da filiação divina que nos impulsiona a missão no mundo é experimentar a vida plena vivida por Jesus e aberta como possibilidade a todos os homens. Esse foi o resultado da missão de Jesus em sua consciência de Filho-Criança do Pai, como se lê em João: "Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus." (João 1:12,13). Usando a linguagem de Balthasar, a sincronização entre "*processio*" e "*missio*" em Jesus, possibilitou o mesmo processo nos homens. Assim como Cristo singulariza sua relação com o Pai pela forma carinhosa e infantil como o avoca como Abba, João também chama seus irmãos com uma expressão que carrega o mesmo espírito: "filhinhos" (João 21:5; 1 João 2:14; 1 João 2:18). Aquele que diz Abba é o mesmo que faz a todos "filhinhos". É precisamente o fato de que a entrada no Reino depende do Cristo e não dos homens que faz com que a criança seja esse paradigma para os discípulos. As crianças são aquelas que chegam ao Pai de mãos vazias, sem nada a oferecer, com humildade. Não se trata de conhecimento intelectual, pertencimento institucional ou comportamento ético, mas apenas de acolhimento da própria pequenez e dependência do Pai. "A aprendizagem requerida para entrar no Reino é mais que uma interpretação de mapas. Devemos reconhecer que nós mesmos não conhecemos de fato o Reino para entrar nele. E não o conhecemos porque não somos aptos para tal"¹³⁰.

'Receba', diz, não 'agarre'. Receber o Reino como faria uma criança, com expectativa, aberto ao assombro, à surpresa e ao descobrimento, não predeterminando cada detalhe; confiando, não controlando; com humildade e desavergonhada dependência, não fabricando e customizando a autonomia e autossuficiência. Somente ao assumir essa postura, com uma lógica de desprendimento de poder, podem os seres humanos, prejudicados, egoístas, sujeitos às categorias excludentes, sequer vislumbrar a existência de outra maneira de viver e ser bem-vindo no Reino de Deus.¹³¹

¹³⁰ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.55. Tradução nossa.

¹³¹ PADILLA, R. Del Rechazo El Abrazo: Iglesia, Niñez e Inclusión. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p77. Tradução nossa.

Nesse sentido, a criança carrega um grande ensinamento sobre a graça de Deus. Numa relação saudável, por mais que se sinta grata aos pais pelos cuidados que lhe conferem, ela nunca se sente devedora dos pais, nem os pais sentem-se obrigados a lhe bajular. A relação da criança com seus pais, não está construída sobre contabilização de benesses ou pagamento de dívidas, mas sobre a estrutura libertadora do amor. A criança recebe de bom grado todo cuidado e carinho destinado graciosamente a ela. Essa também é a postura daquele ou daquela que recebe do Pai a vida e a salvação. Não há aí qualquer barganha com Deus para conquistar seus favores. Há apenas relação entre Pai e filho, baseada no amor que não aprisiona, antes liberta. Panotto comenta que aí está o cerne do significado da parábola que Jesus constrói em torno da criança: "usar a imagem da infância é fazer uma inversão irônica da rigidez da lei"¹³². Isso quer dizer que o Reino de Deus ultrapassa a noção de cumprimento de um padrão religioso ou de uma interpretação particular das Escrituras, mas está antagonicamente associada a dependência total da graça de Deus. O Reino dos Céus é um Reino das crianças justamente pelo fato de ser um Reino construído no alicerce da graça. Os adultos, que acham que pelo tempo de vida já possuem ou sabem alguma coisa, não podem acessar esse Reino. "O Reino de Deus não é um Reino com fronteiras vigiadas, desenhado para que as pessoas não entrem. O Reino de Deus está aberto; a intenção é que entrem até mesmo os menores"¹³³. Apenas os que não são, não têm, não sabem e não podem têm lugar nessa mesa.

Para Rahner, essa relação entre a iniciativa livre e graciosa de Deus em se comunicar ao ser humano e a atitude responsável do ser humano maduro que se faz criança é o mistério da filiação divina.

Contudo, quando esta abertura imensa do ser, quando esta infância humana no sentido explicado, que constitui a essência do ato religioso, recebe de Deus uma entrega, a auto comunicação de Deus mesmo pela graça, então esta abertura humana, esta infância madura, é o que, em linguagem teológica, se chama filiação divina, graça da filiação divina.¹³⁴

¹³² PANOTTO, N. Porque as revelaste. O empoderamento da palavra frente à violência do silenciamento. In. PEREIRA, W.; SEGURA, H. **Para Falar de Criança**. Teologia, Bíblia e Pastoral para a Infância. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p13

¹³³ BUNGE, M. J.; WHITE, K. J.; WILLMER, H. (Ed.). **Los Niños Como Clave Teológica**, Uma aproximación teórica y experimental. Buenos Aires: Ediciones Kairos, 2011. p.55. Tradução nossa.

¹³⁴ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

A relação entre a criança, graça e filiação divina está assim posta. A metáfora da criança aponta, então, para a vida que o cristão deve levar ao seguir o caminho por onde andou Jesus. Para ser feito filho e filha de Deus é preciso ter o mesmo Espírito que Jesus, o Filho-Criança de Deus. É na relação com o Cristo que o homem pode nascer novamente e experimentar a sua infância espiritual. Rahner completa trazendo o seguinte desafio:

Voltemos nossos olhos às crianças. Nelas há um homem que precisa compreender a aventura maravilhosa de permanecer sempre criança, de ser cada vez mais criança, e assim realizar sua filiação divina. Só poderá ser participante da vida de Deus, se souber permanecer sendo aquilo que começou a ser em sua infância.¹³⁵

3.3 VULNERÁVEIS: A ESSÊNCIA DA CRIANÇA

O último, porém não menos importante, aspecto da parábola humana que é a criança, aparece como que emoldurando as duas primeiras perspectivas: a criança como parábola do Cristo e da vida cristã. Nesse ponto, soma-se ao raciocínio construído até agora o fato de que a criança é parábola também dos vulneráveis. Essa é uma luz importante direcionada ao Filho de Deus e aos seus discípulos, visto que os três aspectos são imbricados um no outro, tornando-se inseparáveis. A compreensão completa da criança como parábola só é possível a partir dessa tríade onde cada perspectiva complementa a outra. Cristo se fez vulnerável e convida todos que querem ser seus discípulos a se tornarem vulneráveis também.

Nos dois grupos de texto basilares presentes nos evangelhos sinóticos, encontramos as crianças como contraponto à soberba e orgulho dos adultos homens (apóstolos). Elas são exemplo dos pequenos, fracos, últimos e humildes. São prioridade no Reino justamente por responderem assim ao amor que Cristo lhes confere. Moltmann comenta assim a identificação da criança com os pobres:

O Reino de Deus não se manifesta no topo na sociedade humana e do desenvolvimento, junto aos capazes e poderosos, mas junto aos humildes e insignificantes deste mundo. Isso inverte a concepção normal da ordem do mundo: os últimos serão os primeiros. Mas, se o Reino de Deus vem para os que neste mundo estão “lá embaixo”, os que estão “lá em cima” são privados de sua legitimação religiosa. Assim como faz parte da bem-aventurança dos pobres o ai contra os ricos,

¹³⁵ RAHNER, K. **Pensamientos para una teología da infancia**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

do mesmo modo faz parte da bem-aventurança das crianças a maldição contra os que as escandalizam.¹³⁶

É inegável a identificação das crianças entre os grupos mais vulneráveis dos tempos de Jesus e para os quais ele dedicava maior atenção. Elas estão entre as mulheres, os escravos, os estrangeiros, as viúvas, os pobres, os doentes e muitos outros marginalizados pela sociedade e a religião da época. As crianças, como as mulheres e os escravos, eram consideradas propriedade dos homens adultos e não eram sequer contadas entre a multidão: "os que comeram foram quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças" (Mateus 15:38). Estão entre aquelas categorias invisíveis para a sociedade, jogadas para a periferia, irreconhecíveis em sua dignidade. As palavras criança e escravo possuem a mesma raiz no original grego: "*pais*", que se refere a uma criança entre sete e quatorze anos e também pode expressar a ideia de servo, pois ambos possuem uma posição de subordinação na sociedade¹³⁷. A infância não era valorizada no ambiente familiar, sobretudo as meninas. Tudo girava em torno do mundo dos adultos homens. "Na família, a pessoa mais importante era o pai, de maneira que, se a criança queria se tornar importante, precisava imitá-lo, inclusive em seu nome"¹³⁸. No relato do nascimento de João Batista vê-se os amigos de seu pai, Zacarias, querendo colocar o mesmo nome no filho: "No oitavo dia foram circuncidar o menino e queriam dar-lhe o nome do pai, Zacarias" (Lucas 1:59). Era comum as crianças seguirem os passos dos seus pais, inclusive na profissão. Os filhos de Zebedeu, Tiago e João, são um exemplo: "Eles estavam num barco com seu pai, Zebedeu, preparando as suas redes." (Mateus 4:21).

Paulo também vai usar a categoria da infância com a mentalidade que seu tempo lhe permite. Para ele, a criança está associada a insensatez, imaturidade e carnalidade: "Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo." (1 Coríntios 3:1). Além disso, em Paulo a infância é um estado temporário do ser humano enquanto aguarda a plenitude do Reino:

¹³⁶ MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p26

¹³⁷ BALTHASAR, H. U. V. **Jesus as Child and his praise of the child**. In. *Communio: International Catholic Review*, n22, inverno, 1995. Tradução nossa.

¹³⁸ CASTELBLANCO, W. S. La centralidad de la niñez en el Nuevo Testamento. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p87. Tradução nossa.

"Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino." (1 Coríntios 13:11). Apesar de reconhecer algum valor, Paulo ainda assume que a criança é carente de entendimento: "Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos" (1 Coríntios 14:20). O autor de Hebreus vai mais longe ainda ao exortar sua comunidade destinatária dizendo que a falta de experiência os impede de experimentar a profundidade da vida cristã: "Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça." (Hebreus 5:13).

Bingemer defende que as crianças estão incluídas no grupo dos prioritários no Reino de Deus pelo fato de não terem qualquer importância na sociedade dos tempos de Jesus e, por isso mesmo, se identificarem com os idiotas. Contrapondo-se a seu tempo, para Jesus os inúteis e desprestigiados ocupam os primeiros lugares entre os seus seguidores¹³⁹. "Por isso se compreende que, na pregação de Jesus, o Reino seja antes de tudo para os pobres (Lucas 6:20), para as crianças (Mateus 10:14), para os pequenos (Mateus 5:19), em geral, para todos os que a sociedade marginaliza e despreza."¹⁴⁰ Ela conclui dizendo:

A preferência que Jesus demonstra pelas crianças, assim como por outras categorias de pessoas (mulheres, pobres, enfermos, etc.), é um aspecto particular do evangelho no que tem de especial: a boa notícia anunciada a todos os oprimidos libertos prioritariamente por Jesus, entre os quais se encontram os deserdados, rejeitados, os pagãos, os pecadores e os marginalizados de toda sorte, assim como as mulheres e as crianças, ignoradas pela sociedade judaica. A todos esses, Jesus faz destinatários privilegiados do seu Reino e da boa notícia de sua chegada, integrando-os plenamente na comunidade dos filhos de Deus, porque com seu olhar divino, informado constantemente pelos movimentos do Espírito e pela relação filial com o Pai, enxerga em todos esses oprimidos (entre os quais se incluem as crianças) seus valores geralmente desprezados: 'a vida preciosa da cana pisoteada e o fogo não extinguido da chama que ainda fumeja'.¹⁴¹

Considerar a criança uma categoria ao lado de outras vulnerabilidades e prioritária no Reino dos Céus já é um grande avanço. Mas ao analisar com cuidado o texto de Mateus 25:31-46 pode-se ir um pouco mais além. Mais do que um grupo

¹³⁹ BINGEMER, M. C. Rostros de Jesús en la infancia latinoamericana. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p38

¹⁴⁰ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p38. Tradução nossa.

¹⁴¹ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p37. Tradução nossa.

entre os oprimidos, a criança pode ser uma metáfora para todos os grupos de vulneráveis. O texto diz:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram’. Então os justos lhe responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?’ O Rei responderá: ‘Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram’. Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram’. Eles também responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos?’ Ele responderá: ‘Digo-lhes a verdade: o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo’. E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna. (Mateus 25:31-46)

Na parábola de Jesus, o rei usa como critério para a entrada no seu Reino a misericórdia, a atenção e o socorro prestado estranhamente ao próprio rei que se coloca em situações de vulnerabilidades, exemplificadas aqui em seis categorias: fome, sede, desterro, nudez, enfermidade e encarceramento. Os justos são aqueles que perceberam a necessidade do rei e o suprem, os injustos são aqueles que nada fizeram. No entanto, justos e injustos não têm consciência do significado do que fizeram e por isso perguntam quando foi que viram o rei nessas situações e fizeram ou deixaram de fazer alguma coisa. Os injustos questionam porque, do alto de suas religiosidades, o serviço que os credenciava a entrar no Reino estava ligado à tradição da lei e aos ritos religiosos, e precisavam de justificativa baseada em algum benefício para, então, ajudar alguém; o justos, por sua vez, questionam porque lhes era natural agir com misericórdia com qualquer pessoa, sendo o rei ou o menor dos irmãos. O centro da argumentação da parábola está na resposta do rei: "o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram" ou "o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo". Em sua resposta, o rei não repete todas as categorias de vulnerabilidade,

mas as resume todas nas expressões "menores irmãos" ou "mais pequeninos". São esses que resumem em si todos os oprimidos e marginalizados. Aqui encontramos os três significados da criança como parábola proposta pela presente pesquisa: Cristo, os justos, os vulneráveis.

Olhando para a fisiologia da criança também podemos encontrar nela muitas vulnerabilidades. Diferente de muitos animais, o bebê humano não nasce andando ou se alimentando sozinho. A criança pequena, se abandonada, não tem outro destino senão a morte. Ela depende totalmente dos cuidados de seus pais para continuar a viver. Tem fome, sede, frio, fica doente, e precisa que alguém a ampare. Não importa a cor de sua pele, o local onde nasce, a classe social de seus pais: toda criança ao nascer demanda os mesmos cuidados e é vulnerável da mesma forma.

A ligação entre a criança e a pobreza é tão forte que há uma clara identificação teológica entre os conceitos de pobreza espiritual e infância espiritual. O II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, definiu assim a atitude de uma Igreja que se faz pobre: ela "prega e vive a pobreza espiritual como atitude de infância espiritual e abertura para o Senhor"¹⁴². A humildade da criança, as mãos vazias com que chegam ao rei, sua total abertura à graça de Deus, fazem da infância a perfeita pobreza espiritual. Gutiérrez diz que "Jesus, em seu ensino sobre o Reino de Deus, toma a criança como modelo, como grande referencial de humildade, de pobreza de espírito, de confiança absoluta em Deus"¹⁴³.

Tudo isso faz da criança a parábola humana que nos ajuda a entender a natureza de Cristo, a proposta para uma vida cristã autêntica e o valor dos vulneráveis no Reino de Deus.

¹⁴² **Conclusões de Medellín.** Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, II., 1968.

¹⁴³ QUEIROZ, C. Deus Na Criança. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará.** Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.44

4 CRIANCITUDE (AGIR)

Depois de lançar o olhar sobre o mundo adultocêntrico e refletir na criança como parábola do Reino de Deus, qual seria a proposta de ação apropriada? Como a revelação de Jesus Cristo como Filho Criança de Deus responde à visão de um Deus adulto, acessado apenas pela via da racionalidade? Como o desafio de se fazer como criança denuncia a vida cristã adulta focada na institucionalização? E como a criança, enquanto metáfora de todos os vulneráveis, exige uma prática libertadora em meio ao mundo de consumidores? A síntese entre o percebido e diagnosticado no mundo e a reflexão teológica bíblica precisa desembocar numa proposta pastoral para a criança e através dela.

Em primeiro lugar, pode-se dizer que uma pastoral que se preocupa com o cuidado integral da criança cria o ambiente necessário para uma saudável experiência religiosa do sujeito. Dito de maneira negativa por Cavalletti: "uma criança bloqueada em algum dos aspectos de seu comportamento encontrará enormes dificuldades ao ser envolvida em uma experiência religiosa"¹⁴⁴. Há ligação estreita entre uma infância protegida, que tem prova concreta do amor primário e que desenvolve sua afetividade saudavelmente e o envolvimento da pessoa na entrega à filiação divina. Os exemplos de João Batista, "o menino crescia e se fortalecia no espírito" (Lucas 1:80), e de Jesus, "o menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lucas 2:40), colaboram para esse argumento. A paternidade protetora, mesmo que não biológica, facilita a comunicação da paternidade divina. Como diz Rahner:

Já é conhecida a importância decisiva que tem para a entrega total e confiante em Deus a experiência de uma infância segura e protegida. (...) Não se pode negar que dificilmente se poderá realizar a entrega confiada ao mistério de Deus, mistério de amor e proximidade, quando se experimentou a carência do amor paterno. Somente quando se aprende a usar os nomes 'pai' e 'mãe' para designar o amor íntimo e caseiro,

¹⁴⁴ CAVALLETTI, S. **O Potencial Religioso da Criança**. Descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p37

então pode alguém atrever-se a chamar Pai aquele que é mistério inefável e último fundamento de tudo.¹⁴⁵

Em segundo lugar, a ação pastoral de cuidado com a infância se justifica pelo simples fato do reconhecimento da criança como sujeito de direitos. Mesmo que isso não redundasse numa futura abertura ao mistério de Deus, a própria dignidade gerada na vida presente da criança já é valor suficiente para o esforço militante. A vida plena, ideal do Reino prometido por Cristo, não é medida pela quantidade de tempo vivido, mas pela qualidade com que se viveu cada instante. Moltmann defende a ideia de que:

Cada momento vivido tem sentido de eternidade, constituindo já uma vida plena. A 'vida plena' não se mede pela dimensão dos anos vividos ou de algum modo passados, mas pela profundidade da experiência de vida. Também uma criança que morreu precocemente tem uma vida plena. Cada criança tem direito ao seu tempo presente. A vida plena de cada momento presente deve ser respeitada pelos pais e educadores. Ela não deve ser sacrificada no altar do desenvolvimento.¹⁴⁶

Em terceiro lugar, a ação pastoral precisa mudar sua direção comum, ou seja, no lugar de se configurar numa ação pastoral adulta para as crianças, necessita transformar-se numa ação pastoral para os adultos através das crianças. É a esse ponto que o presente texto dedica mais atenção. Tão importante quanto fazer das crianças adultos saudáveis em seu corpo, psique e espírito é fazer cada adulto recuperar sua criancitude. Não se trata de infantilização no sentido de falta de amadurecimento ou retrocesso no curso natural de aprendizagem do ser humano, mas daquilo que Moore defende quando diz que "ver as crianças como místicos pode abrir o caminho para que os adultos vejam que, voltando-se para as crianças e compreendendo e honrando seu relacionamento com Deus, os adultos podem redescobrir essa relação única que eles já tiveram"¹⁴⁷. A recuperação da criancitude em meio ao mundo adultocêntrico deve ser vivenciada a partir da parábola da criança encontrada nas Escrituras e exige movimentos intencionais daqueles que se propõem a caminhar por essa jornada.

¹⁴⁵ RAHNER, K. **Pensamentos para uma teologia da infância**. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114. Tradução nossa.

¹⁴⁶ MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p20

¹⁴⁷ MOORE, P. **The Child as Mystic**. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue XII, out.2006. Tradução nossa.

4.1 DA RAZÃO PARA A MÍSTICA

Há uma diferença substancial entre o enigma e o mistério. É possível chegar à resolução de um enigma quando se tem acesso a capacidade elevada, ferramentas adequadas e esforço dedicado. Ele existe para ser decifrado e investigado. O mundo viciado na investigação dos enigmas da vida só consegue enxergar Deus através dos caminhos da racionalidade e da intelectualidade e toda fala sobre Ele se dá a partir da intenção de compreendê-lo e, por isso, toda heterodoxia é descartada como impossibilidade. O mistério é diferente. Nenhuma capacidade, ferramenta ou esforço são suficientes para se chegar a alguma sentença conclusiva sobre ele. Não se pode dominá-lo ou explicá-lo. O mistério demanda apenas contemplação. Deus é Mistério, não enigma. Rahner define assim:

O homem – quer o afirme expressamente ou não o afirme, quer reprima esta verdade ou a deixe aflorar à superfície – se acha sempre exposto, em sua existência espiritual, a um Mistério Sagrado que constitui o fundamento de sua existência. Este Mistério é o mais primitivo, o mais evidente, mas por isso também o mais oculto e ignorado; um Mistério que fala enquanto guarda silêncio, que “está aí” enquanto que, ausente, reduz nossas próprias fronteiras. E tudo isso porque, como horizonte inexprimível e inexpressado, abrange e sustenta sem cessar o pequeno círculo de nossa experiência cotidiana, cognitiva e ativa, o conhecimento da realidade e o ato da liberdade. Nós o chamamos Deus.¹⁴⁸

Thomas Merton escreve sua oração da seguinte forma: “se eu te imaginar, estarei errado. Se te compreender, estarei enganado. Se estiver consciente e certo de que te conheço, serei louco. A escuridão me basta”¹⁴⁹. O apóstolo Paulo também escreve sobre o grande Mistério: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e inescrutáveis os seus caminhos! Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” (Romanos 11:33, 34). Mesmo no antigo testamento o nome de Deus era impronunciável, desconhecido, desfigurado. O Mistério não se deixa dominar, nominar, normatizar, e toda fala sobre Ele requer intermediação. A linguagem poética ou parabólica aproxima-se muito mais da contemplação que o Mistério

¹⁴⁸ RAHNER, K. Apud. BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

¹⁴⁹ MERTON, T. **Diálogos Com o Silêncio**: Orações e Desenhos. Rio de Janeiro: Fissus, 2003. p5

propõe do que as sistematizações doutrinárias que arrogam soluções fechadas para um enigma teológico.

Não há transição natural e lógica entre a experiência cotidiana da vida e a experiência de Deus, ainda que esta seja o lugar do advento daquela. É permitido falar de um conhecimento analógico, partindo da percepção fundamental de que nada, nenhuma realidade, é capaz de exprimir a transcendência. Também, com respeito a toda experiência humana de transcendência, o termo mistério é aquele que convém melhor para definir a descoberta de Deus enquanto Absoluto que atrai e convida à experiência.¹⁵⁰

A criança, enquanto parábola do Cristo, revela linguagem de aproximação de Deus, possível no mundo contemporâneo. O enigma é sedução para os adultos, mas o mistério é ambiente das crianças. O inefável se faz afável na mística natural de uma criança. Para Queiroz, depois de Jesus, a criança deveria ser tomada como mediação prioritária da revelação¹⁵¹ e, assim, sempre sensibiliza ou denuncia: "A criança com saúde, repleta de energia, anuncia a vida; quando desnutrida, indefesa, sofrendo as consequências das injustiças dos adultos, ela denuncia a antívida."¹⁵². Elas são um rosto para Deus, como afirma Bingemer:

Hoje em dia, transcorridos mais de vinte séculos da passagem de Jesus pela terra, ainda se encontram em muitos pontos do planeta crianças que enfrentam desprezo e violência como as do tempo de Jesus. Igualmente, crianças que são forçadas a assumir trabalhos escravizantes e humilhantes e que têm que defender a si mesmos pelo fato de não encontrar amparo em nada, nem sequer em seus pais, que as vezes nem conhecem. Esses meninos e meninas são o rosto de Jesus hoje na América Latina e convêm contempla-los com atenção e reverência com a qual se contemplaria o mesmo Jesus.¹⁵³

O Filho Criança de Deus revela em sua encarnação o grande paradoxo da teologia: o Mistério Absoluto se deixou conhecer como Pai Amoroso. A revelação cristã abre caminho para que todo ser humano conheça a Deus como uma criança conhece seu próprio pai, ou seja, a partir do desejo afetivo e da experiência relacional. As crianças não conhecem seus pais pelas informações concretas e sistematizadas sobre eles da forma como um cientista conhece seu objeto de estudo.

¹⁵⁰ BINGEMER, M. C. **Um Rosto Para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005. p29

¹⁵¹ QUEIROZ, C. Deus Na Criança. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.45

¹⁵² QUEIROZ, C. Op. Cit. p.47

¹⁵³ BINGEMER, M. C. Rostros de Jesús en la infancia latinoamericana. In. SEGURA, H.; VEGA, G. R. (Ed.). **Deme La Mano Y Danzaremos**. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015. p40. Tradução nossa.

Elas conhecem seus progenitores porque nutrem um afeto singular por eles e somam memórias de experiências vividas juntos. Elas “conhecem a sua voz” (João 10:4). Os pais, por definição, chegam à existência sempre a frente de seus filhos e doam a vida aos seus descendentes. As crianças são, portanto, derivadas, frutos de um amor que pré-existente. Do mesmo modo, a parábola da criança ilustra de modo exato a relação do ser humano com Deus. O Deus Mistério sempre está antes da humanidade que, por sua vez, chega sempre “posteriormente”, tarde demais para ser toda do Mistério e colocar-se em relação plena com ele¹⁵⁴. Contudo, o Deus Pai permite-se experimentar por todos que se fazem como uma criança. “É então o ser humano que, na experiência é tomado por Deus e não o contrário.”¹⁵⁵

Dois polos aparentemente (humanamente) irreconciliáveis: o fato teológico de que Deus se deixa experimentar ao mesmo tempo como Absoluto e como Pai. Definido como amor desde a primeira hora do cristianismo, esse Deus revela-se como Pai na relação pessoal e íntima que mantém com os homens, relação da qual a referência primordial é a união amorosa estabelecida com Jesus de Nazaré, no qual a fé cristã reconheceu o Filho bem-amado do Deus jamais visto por ninguém.¹⁵⁶

Rahner disse no século passado que o cristão do futuro ou seria um místico ou não seria nada¹⁵⁷. Se a criança se assemelha, como já visto, à figura do místico, podemos, mesmo que ousadamente, parafrasear Rahner, dizendo que o cristão contemporâneo ou se faz como uma criança ou não conhece a Deus e, portanto, se desumaniza. Barth, que denomina esse Deus Mistério de o “totalmente outro”, chega a dizer que, na verdade, não se pode falar de Deus, apenas com Deus, dada a primazia da experiência à razão. “A mística é, sim, um conhecimento, porém um conhecimento que advém da experiência e onde a inteligência e o intelecto entram no sentido de captar e interpretar”¹⁵⁸ aquilo que sente o sujeito. Este é o movimento necessário para se alcançar a criancitude: ampliar os horizontes de um conhecimento especificamente intelectual para abraçar um conhecimento mais amplo da experiência afetiva com o Deus que é Pai revelado pelo seu Filho Criança, Jesus Cristo.

¹⁵⁴ BINGEMER, M. C. **Um Rosto Para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005. p30

¹⁵⁵ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p29

¹⁵⁶ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p30

¹⁵⁷ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p26

¹⁵⁸ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo.** Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p274

Não se trata, portanto, de uma experiência intelectual, mas sim afetiva, que fala ao coração. O Mistério desse outro a quem chamamos Deus não propõe conteúdos a serem apreendidos sobre Sua pessoa, mas se revela àqueles e àquelas que d'Ele se aproximam enquanto Mistério de Amor. E como tal quer ser conhecido e experimentado.¹⁵⁹

Não há aqui uma dicotomia entre razão e experiência, mas um alargamento da visão acerca do caminho para se conhecer a Deus. A mística não prescinde da razão, ela a faz instrumento interpretativo das experiências subjetivas absolutas. Se para o empirismo todo conhecimento deriva da experiência, para o racionalismo a experiência nada nos ensina, pois é aquilo que precisa ser explicado, não havendo experiência que não esteja impregnada de teoria¹⁶⁰. A experiência humana com Deus só se plenifica, portanto, a partir de uma interpretação dessa mesma experiência e a conscientização da relação do sujeito consigo mesmo, com o próximo e com Deus¹⁶¹. Mística é conhecer a Deus por experiência¹⁶² e experiência interpretada que equaliza as polaridades sem dicotomizar os conhecimentos. Bingemer define mística da seguinte forma:

Trata-se de uma consciência da presença divina, percebida de modo imediato, em atitude de passividade, e que se vive antes de toda análise e de toda formulação conceitual. Trata-se da vivência concreta do ser humano que se encontra, graças a algo que não controla ou manipula, frente a um Mistério ou uma Graça misteriosa e irresistível, que se revela como Alteridade pessoal e age amorosamente, propondo e fazendo uma comunhão impossível segundo os critérios humanos e que só pode acontecer gratuitamente e por Graça.¹⁶³

Tal experiência, uma vez que não nasce na intelectualidade, brota das afetividades. O útero onde o conhecimento de Deus se desenvolve não está na mente, mas no coração. E se é assim, Deus está na categoria dos desejos e não das necessidades ou dos objetos de pesquisa. Ele não é um cadáver sobre a mesa esperando ser dissecado e estudado parte a parte, é um ser vivo, pessoal e afetivo que se revela como Deus na relação de uma Criança com seu Pai. O desejo é característica primordial dos seres finitos e imperfeitos, visto que só se deseja aquilo que ainda não se tem. Como questiona Agostinho, “O que é o desejo, senão o apetite

¹⁵⁹ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p276

¹⁶⁰ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p188

¹⁶¹ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p210

¹⁶² BINGEMER, M. C. Op. Cit. p254

¹⁶³ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p273

de possuir o que ainda falta?¹⁶⁴ Os gregos antigos diziam que o ser humano não é o Bem, mas pode desejá-lo; não possui Beleza, mas pode desejá-la. O desejo é o que posiciona o ser humano como criatura limitada e revela ao sujeito que deseja sua pequenez num ciclo infinito de afetos. Deus, o Desejado, não se pode possuir e está sempre um passo além e, por isso, a experiência humana de Deus se faz possível constantemente.

A experiência de Deus, acontecendo no nível do desejo, não pode senão produzir-se gratuitamente, deixando aquele ou aquela que a experimentou tomado pelo desejo sempre não saciado e, portanto, sempre capaz de desejar e, por conseguinte, de experimentar.¹⁶⁵

A ortopraxia sem afeto transforma-se em legalismo religioso e a ortodoxia sem ternura configura-se fundamentalismo limitador. A sabedoria judaica diz: “Acima de tudo, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida” (Provérbios 4:23). Recuperar a criancitude é voltar-se para dentro de si e ali encontrar a Deus, não a partir das excitações sentimentalistas do mundo líquido sem discernimento e capacidade de decisão, mas a partir da meditação e da contemplação que o Mistério inspira ao revelar os desejos mais profundos do coração. A postura adulta encharcada de razão e intelectualidade não é suficiente para capturar o grande Mistério de Deus, todavia a mística construída a partir da experiência afetiva abre caminho para o conhecimento desse Deus Pai que se deixa revelar na Criança Messiânica e, por conseguinte, em toda criança humana.

4.2 DA INSTITUIÇÃO PARA A LIBERDADE

Assim como o enigma difere substancialmente do mistério, também o divertimento se distingue da ludicidade. O conceito de "divertissement" cunhado por Blaise Pascal, poderia ser apropriadamente traduzido por distração ou alienação¹⁶⁶. Divertimento, para ele, não são apenas os passatempos ocasionais, mas qualquer ação humana que anestesie sua condição entediante e decadente. Ele observa que “não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância,

¹⁶⁴ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p205

¹⁶⁵ BINGEMER, M. C. **Um Rosto Para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005. p28

¹⁶⁶ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p205

resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso”¹⁶⁷. O ser humano poderia encontrar seu divertimento na profissão, no empenho por um determinado cargo, e até mesmo na polêmica busca pela verdade da ciência e filosofia, pode-se dizer, na investigação dos enigmas. O divertimento, portanto, está mais associado a uma volumosa intensidade do que a uma grande profundidade, como um rio muito largo, que se pode atravessar com água nos tornozelos. Muitas experiências alienantes, no entanto nenhuma que capture a existência do ser humano em sua realidade integral.

Quando, às vezes, me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos e castigos a que eles se expõem, na corte e na guerra, originando tantas contendas, tantas paixões, tantos cometimentos audazes, e muitas vezes funestos, descobri que toda a infelicidade dos homens vem de uma só coisa, que é o saberem ficar quietos dentro de um quarto.¹⁶⁸

A ludicidade, por sua vez, está mais associada ao que Simone Weil chama de uma das maiores capacidades humanas: “a capacidade de atenção”¹⁶⁹. Apesar de sua origem semântica latina derivar das palavras jogo e brincadeira, o conceito difere muito do divertimento em Pascal. Em grego, o verbo brincar, relacionado ao lúdico, é literalmente traduzido por “fazer-se como criança”. Ludicidade é atribuir “serenidade ao jogar somada a leveza do brincar sem infantilizar as atividades, nem exigindo dos participantes adultos que se tornem crianças por algumas horas. Os adultos como as crianças prestam-se ao jogo por prazer”¹⁷⁰. Na verdade, a ludicidade, diferente do divertimento que faz com que o ser humano se perca de si promove o ambiente necessário para que o ser humano se reencontre consigo mesmo na perspectiva que Nietzsche defende quando diz que “a maturidade de um homem é encontrar de novo a seriedade que se tinha quando criança, brincando”¹⁷¹. Enquanto no divertimento o interesse está na intensidade da vida e na coleção de experiências anestésicas, na ludicidade todo o foco se volta para uma experiência profunda baseada no prazer, no afeto e no autoconhecimento.

¹⁶⁷ PASCAL, B. Apud. BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p204

¹⁶⁸ PASCAL, B. Apud. PINTO, R. H. **O Antinaturalismo Religioso De Pascal**. In. Kínesis, Vol. V, nº 10, Dezembro 2013, p. 47-68.

¹⁶⁹ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p204

¹⁷⁰ LIMA, A. J. A. **O Lúdico em Clássicos da Filosofia**: uma Análise em Platão, Aristóteles e Rousseau. In. Congresso Nacional de Educação, II, 2015, Campina Grande. Comunicação Oral.

¹⁷¹ NIETZSCHE, F. Apud. ALVES, R. **Do Universo à Jaboticaba**, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. p51

Poderia se supor, de início, que a liberdade associa-se com o divertimento e com uma vida intensa onde as possibilidades se multiplicam em ritmo acelerado. No entanto, mesmo que se assuma a ideia de que o conceito de liberdade, quando referente ao ser humano, é sempre um conceito relativo, essa liberdade provocada pela intensidade do divertimento não passa de placebo. A liberdade real está relacionada com a autonomia e espontaneidade do ser racional capaz de tomar suas próprias decisões de forma consciente e responsável. Bingemer defende que essa autonomia não pode ser confundida com uma “tirania das possibilidades”¹⁷² onde a liberdade, em vez de se expandir, se atrofia pelo apelo sempre exagerado para camuflar a frigidez do homem moderno.

É muito difícil, para o ser humano de hoje, renunciar ao que é incompatível com a decisão que sente deve tomar para dar rumo a sua vida. As opções são feitas deixando todas as portas abertas. A renúncia se torna uma palavra sem sentido. A liberdade se concebe como fazer o que bem se entende e não como a capacidade para escolher o que mais humaniza, o que mais faz crescer como pessoa. E as decisões, quando tomadas, não são mantidas e sustentadas por longo prazo.¹⁷³

O jogo e a brincadeira, tão característicos das crianças, são atividade que se ambienta num contexto em que regras e limites existem, mas que em momento algum são castradores das liberdades e criatividade de quem as pratica. A ludicidade sempre fomenta o sentimento de liberdade, descontração e autonomia. Há aí um caminho que se contrapõe ao mundo institucionalizado e unifica a emoção e a razão na ação do ser humano em construir, não um mundo apenas do faz de conta, mas um lugar onde seja possível viver ludicamente, em paz e harmonia com os homens e a natureza.

Nem a dessacralização da religião nem o fortalecimento da institucionalização fundamentalista derivadas da cultura pós-moderna e características de um mundo adultizado traduzem a liberdade que a ludicidade propõe. O caminho da privatização da espiritualidade é apenas mais uma interpretação equivocada sobre a liberdade e se configura muito mais em denúncia de ausência de referencial do que em construção de uma vida espiritual autêntica. Já a via do fundamentalismo que se pretende regulador de toda atividade humana

¹⁷² BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p156

¹⁷³ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p157

aponta da mesma forma a incapacidade do ser humano em lidar com essa liberdade. São dois polos do mesmo problema: divertimentos que distraem e alienam o sujeito da liberdade fundamental de ser simplesmente quem é.

A criança, como parábola da vida cristã proposta pelo próprio Cristo, serve como paradigma para o acolhimento da liberdade doada gratuitamente pelo próprio Deus. A ludicidade, presente na criancitude, é um caminho mais eficaz para a liberdade, pois é, como defende Johan Huizinga, própria do ser humano, “*homo ludens*”. Ele afirma em sua tese central que “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”. Segundo ele, “a antropologia e as ciências a ela ligadas têm, até hoje, prestado muito pouca atenção ao conceito de jogo e à importância fundamental do fator lúdico para a civilização”¹⁷⁴. Poderíamos dizer que a teologia também faz parte desse cabedal de ciências que ignoram o fator lúdico do ser humano, adultizando a experiência da vida cristã. Huizinga diz que a ludicidade é a manifestação da realidade espiritual, imaterial ou, até mesmo, irracional do ser humano.

Mas reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa, mesmo no mundo animal, os limites da realidade física. Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regido pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto do cosmos. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional.¹⁷⁵

Para Huizinga, o jogo atividade é antes de tudo uma atividade voluntária, que só se realiza quando os sujeitos vivenciam a experiência por desejo próprio e livremente. Essa é a “primeira das características fundamentais do jogo: o fato de ser livre, de ser ele próprio liberdade”¹⁷⁶. Se há alguma força externa que rompe a voluntariedade e exige a participação já não se pode dizer que há um jogo, mas apenas uma imitação forçada da experiência. Deixa de ser liberdade e passa a ser instituição; já não ludicidade, e sim divertimento. As crianças, prossegue Huizinga, “brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua

¹⁷⁴ HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

¹⁷⁵ HUIZINGA, J. Op. Cit.

¹⁷⁶ HUIZINGA, J. Op. Cit.

liberdade”¹⁷⁷. O autor também aponta uma segunda característica para o jogo e a experiência lúdica: não faz parte do que ele chama de “vida corrente” ou “vida real”. O lúdico é uma evasão da vida real para outra esfera de atividade com orientações próprias. Para Huizinga, “toda criança sabe perfeitamente quando está ‘só fazendo de conta’ ou quando está ‘só brincando’”¹⁷⁸. No entanto, tal consciência não faz da experiência algo menor ou de menos importância que a vida real. Ele constrói assim seu raciocínio:

Esta característica de "faz de conta" do jogo exprime um sentimento da inferioridade do jogo em relação à "seriedade", o qual parece ser tão fundamental quanto o próprio jogo. Todavia, conforme já salientamos, esta consciência do fato de "só fazer de conta" no jogo não impede de modo algum que ele se processe com a maior seriedade, com um enlevo e um entusiasmo que chegam ao arrebatamento e, pelo menos temporariamente, tiram todo o significado da palavra "só" da frase acima. Todo jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. Nunca há um contraste bem nítido entre ele e a seriedade, sendo a inferioridade do jogo sempre reduzida pela superioridade de sua seriedade. Ele se toma seriedade e a seriedade, jogo. É possível ao jogo alcançar extremos de beleza e de perfeição que ultrapassam em muito a seriedade.¹⁷⁹

O argumento se aplica com facilidade à proposta da vida cristã de Jesus ao desafiar seus discípulos a serem como crianças. O caminho de Jesus é marcado pela graça que seduz e não pela força que exige; é uma via acessada pelo afeto e desejo espontâneo e não pela obrigação e convencimento intelectual; é abertura para a liberdade e não para o aprisionamento institucional. Tanto o jogo para Huizinga quanto o Reino de Deus para Jesus só se tornam “uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade”. Não se pode jamais, sem prejuízo da originalidade da experiência, impor a ludicidade pela necessidade física ou pelo dever moral. Corre-se o sério risco de trocar a experiência autêntica com o Mistério por uma institucionalização da religião; uma pode se parecer muito com a outra, mas são vivências completamente diferentes.

A experiência mística de imitar a Cristo, o Filho Criança de Deus Pai, contempla, de fato, um momento que vai além das normas cotidianas institucionais da vida. Enquanto não houver essa transgressão da religião institucional para uma espiritualidade livre não se consegue viver a sacralidade da criança lúdica. “A

¹⁷⁷ HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

¹⁷⁸ HUIZINGA, J. Op. Cit.

¹⁷⁹ HUIZINGA, J. Op. Cit.

criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos considerar sagrada. Mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo”¹⁸⁰. A instituição não pode, em momento algum, abafar o espírito da ludicidade, e apenas se faz necessária como reguladora das liberdades individuais para que as liberdades coletivas sejam possíveis. São as regras do jogo, que precisam ser seguidas, mas que na experiência da brincadeira são transformadas fomentando um espírito criativo e criando um ambiente de autonomia e respeito simultaneamente. O lúdico não é um divertimento que nos distrai do que somos, mas uma porta aberta para a liberdade de experimentar a identidade de filhos e filhas de Deus.

4.3 DO CONSUMO PARA A GENEROSIDADE

Como visto até aqui, no movimento de experimentar a criancitude no mundo moderno, é preciso ampliar os horizontes do racionalismo e se abrir para a experiência mística para se falar de Deus, ou com Deus, a partir do Mistério e não dos enigmas; é necessário, também, transcender as institucionalizações religiosas, que são divertimento alienante, e experimentar a vida cristã na liberdade séria da ludicidade cotidiana. O terceiro movimento proposto nesse estudo para a vivência da criancitude é ir do consumo para a generosidade. Aqui, também é necessário fazer uma distinção: assim como o enigma difere do mistério e o divertimento da ludicidade, também a justiça é distinta da generosidade.

Justiça é conformidade com uma norma estabelecida, comportamento esperado por normatização. Está, portanto, ligada ao âmbito jurídico, ao direito e às leis do Estado. Como afirma Hobbes, a justiça consiste simplesmente na “manutenção dos pactos”¹⁸¹. Ela é condição para possibilitar a convivência e a ação conjunta dos homens e, nesse sentido, se parelha à institucionalização. A generosidade, por sua vez, refere-se à inclinação para dar e partilhar acima de qualquer interesse ou além de qualquer norma. Associa-se ao altruísmo, à caridade e à filantropia e surge como gratuidade e ação inesperada. Enquanto a justiça garante por norma (fator externo) a porção de cada um (mesmo que insuficiente), a generosidade possibilita por bondade (fator interno) a equidade necessária. O

¹⁸⁰ HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

¹⁸¹ ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p594

generoso doa os bens úteis para garantir os bens da alma, abre mão do bom para ter acesso ao bem e ao belo¹⁸². Justiça pressupõe um estado de equilíbrio, de imparcialidade, de neutralidade, de igualdade, enquanto a generosidade denuncia o desequilíbrio e pressupõe uma condição de partilha. Comte-Sponville distingue a generosidade da justiça dizendo que “a generosidade é mais subjetiva, mais singular, mais afetiva, mais espontânea, ao passo que a justiça, mesmo aplicada, conserva algo de objetivo, de mais universal, de mais intelectual ou mais refletido”¹⁸³. A generosidade transcende, portanto, o conceito de justiça.

A generosidade é uma virtude da dádiva. Distingue-se da justiça pelo fato de não se limitar a dar ao outro aquilo que é dele ou lhe pertence, mas sim aquilo que, sendo nosso, faz falta ao outro. A justiça não é necessária nem essencial à generosidade. Enquanto a justiça é uma virtude que depende, sobretudo, da reflexão, a generosidade depende, ainda mais, do coração e do temperamento.¹⁸⁴

Parece ser esse mesmo, a generosidade, o princípio ensinado por Jesus na parábola dos trabalhadores da última hora. Ao receberem o salário combinado previamente pelo dia de trabalho, os operários que dedicaram mais tempo reclamaram do salário dado aos que dedicaram menos tempo. O contratante, então, responde da seguinte forma:

Mas ele respondeu a um deles: ‘Amigo, não estou sendo injusto com você. Você não concordou em trabalhar por um denário? Receba o que é seu e vá. Eu quero dar ao que foi contratado por último o mesmo que lhe dei. Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?’ Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos. Mateus 20:13-16

Chama a atenção a ideia de que não há falta de justiça por parte do contratante, uma vez que tudo o que foi acordado foi cumprido; entretanto, ao mesmo tempo, há generosidade na forma com que o contratante lida com seus operários. Há mais do que simplesmente um ato de justiça exigido pelo acordo selado no início do dia, há uma postura generosa para com aqueles que, mesmo no fim do dia, ainda não tinham conseguido trabalho para produzirem recursos para si.

¹⁸² MARQUES, R. **A Generosidade: Reflexão em Torno do Conceito**. Disponível em: <<https://goo.gl/AWMvQk>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

¹⁸³ MARQUES, R. Op. Cit.

¹⁸⁴ MARQUES, R. Op. Cit.

A pesquisadora Liana Gama do Vale, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, desenvolveu um estudo que envolveu 60 crianças de 6, 9 e 12 anos, alunas de uma escola particular do Rio de Janeiro, sobre a generosidade em contraposição à justiça. Foram colocadas situações que exigiam das crianças julgamento moral e escolha entre a satisfação de um interesse pessoal justo e uma ação generosa que beneficia outros. As conclusões da pesquisa diante de um conflito entre a generosidade e a justiça revelam que os juízos das crianças de 6 anos remetem mais à generosidade. Já os critérios utilizados pelos mais velhos estão atrelados à noção de justiça, revelando que há uma transição na valorização das virtudes de acordo com o desenvolvimento da idade. Além disso, para as crianças de todas as idades pesquisadas, a retribuição a uma ação generosa não está atrelada a uma exigibilidade exterior. Embora desprovida de obrigatoriedade, a retribuição é indicada e admirada, nas suas variadas formas, pelos entrevistados. Indicação e admiração do ato de retribuir, todavia, não são fatores determinantes para a manifestação de generosidade. Para Liana, “a generosidade é virtude presente no início da gênese da moralidade e melhor integrada à consciência moral do que a justiça nessa mesma fase do desenvolvimento”¹⁸⁵.

Nesse contexto, o mundo líquido concretizado numa sociedade de consumidores, como percebido por Bauman, já se adultizou, abandonou a generosidade da infância e, na melhor das hipóteses, abraçou a justiça baseada em merecimento, utilidade e interesse. Os sujeitos se transformaram em mercadoria e as crianças são tratadas como consumidores com alto poder de compra ou, pior ainda, como produtos a serem comercializados. Nessa lógica de mercado, os despossuídos, que não têm nada a oferecer além de seu próprio corpo vulnerável, são simplesmente descartados e abandonados à margem da sociedade. A busca desesperada pelo prazer faz a generosidade ser uma virtude quase em extinção no mundo contemporâneo. O próprio Bauman concorda que o preceito de amar ao próximo como a si mesmo é o mais antagônico princípio em uma sociedade que preza pelo interesse individual e a busca da felicidade pessoal, todavia, é a exigência fundamental que torna toda civilização possível.

¹⁸⁵ VALE, L. G. **O Jornal de Todos os Brasis**, 9dez.2012. Entrevista. Disponível em: <<https://goo.gl/uRtkQu>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Aceitar o preceito de amar o próximo é o ato fundador da humanidade. Todas as outras rotinas de coabitação humana, assim como as normas e regras preconcebidas ou retroativamente descobertas, são apenas uma lista sempre incompleta de notas de rodapé a esse preceito. Podemos avançar um passo e dizer que, se ele é precondição de humanidade, civilização e humanidade civilizada, caso fosse ignorado ou jogado fora, não haveria ninguém para recompor a lista nem ponderar se ela está completa.¹⁸⁶

O egoísmo, tão característico da sociedade dos consumidores, é o vício que antagoniza com a virtude da generosidade. Para Aristóteles, as virtudes estão sempre ligadas ao equilíbrio entre dois polos, o do excesso e o da falta, que transformam a virtude em vício. Portanto, o vício que caracteriza o exagero da generosidade é a extravagância, e o vício que caracteriza a ausência de generosidade é a avareza. A vida boa e virtuosa se dá, então, na capacidade de se manter equilibrado, nem além, nem aquém, em sua generosidade. O que diferencia o remédio do veneno é exatamente a dosagem dada ao doente e, tanto o extravagante, quanto o avarento, estão envenenados pelo egoísmo. É interessante observar que é possível exercer a justiça e ainda assim ser egoísta, quando o foco da ação volta-se para o benefício de si mesmo; mas é impossível ser generoso e egoísta ao mesmo tempo sem comprometer a virtude ou o vício. O egoísta, em tudo o que é útil, procura apenas o seu interesse, ignorando os interesses dos outros. A justiça vil é sempre egoísta, pois age na defesa do seus interesses e nunca em defesa dos outros¹⁸⁷. A generosidade, mesmo que haja prejuízo de si, tem seu foco no benefício do próximo.

Gutierrez acredita que essa virtude que cria um ambiente solidário no mundo e promove o comprometimento verdadeiro com os pobres e oprimidos do nosso subcontinente¹⁸⁸ só é possível a partir da experiência pessoal da infância espiritual. “Trata-se da postura de quem aceita o dom da filiação divina e responde a ele forjando a fraternidade”¹⁸⁹. Aqueles que transcendem a racionalidade e o divertimento e vivem a experiência de Deus a partir da mística e da ludicidade também são chamados a integrarem os vulneráveis à vida plena a partir do exercício da generosidade. Os que dizem “Pai nosso” também precisam se dispor a dizer “pão

¹⁸⁶ BAUMAN, Z. **A Ética É Possível num Mundo de Consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹⁸⁷ MARQUES, R. **A Generosidade: Reflexão em Torno do Conceito**. Disponível em: <<https://goo.gl/AWMvQk>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

¹⁸⁸ GUTIÉRREZ, G. **Beber no Próprio Poço**. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1985. p141

¹⁸⁹ GUTIÉRREZ, G. Op. Cit. p141

nosso”. Viver a infância espiritual é ver-se como Cristo, o Filho Criança de Deus, e, por isso, um dentre os muitos outros vulneráveis do mundo. Queiroz diz que a condição interior, social ou econômica da criança e dos oprimidos nos sensibilizam a perceber Deus. “Nesse sentido, eles são uma manifestação mais próxima do ser humano, os seja, quando vemos uma criança, não vemos a posição, o poder, a conta bancária. Assim nos percebemos melhor diante desse espelho tão singelo”¹⁹⁰. Por essa via, temos acesso ao Reino e ao mundo dos excluídos, precisamente pelo fato de serem a mesma coisa.

Esta é a atitude que nos é exigida, diante do Senhor e dos irmãos, para que ingressemos no mundo do pobre. E mais, é ela uma condição indispensável desta solidariedade. Somente nos tornando criança é que entraremos no Reino dos Céus. Esta mesma infância espiritual nos é igualmente exigida para entrarmos no mundo do pobre. Mundo de quem é, precisamente, o predileto do Deus do Reino.¹⁹¹

É precisamente na ação generosa em meio ao mundo consumidor que a revelação de Deus é percebida. Na práxis do ser humano que experimenta a criança está o selo divino. Como diz Bingemer, “o cristianismo é chamado a refletir em seu agir humano o próprio agir divino”¹⁹². Servir aos pobres é a mais simples e mais completa garantia da autenticidade da verdadeira mística cristã que se faz de olhos abertos¹⁹³. Não pode nunca ser uma revelação discriminatória, pelo contrário, se dirige de preferência aos mais pobres, aos mais abandonados, aos mais explorados¹⁹⁴. Assim Bingemer conclui:

É paradoxalmente na proximidade e na similitude mais profunda com o humano que o Deus da revelação cristã vai mostrar sua diferença e sua Alteridade absolutamente transcendentais. A mística cristã nos tempos atuais, portanto, como em outros tempos, está mais do que nunca desafiada a redescobrir seu lugar e seus caminhos, a olhar para o humano como via necessária para o divino.¹⁹⁵

¹⁹⁰ QUEIROZ, C. Deus Na Criança. In. DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). **Uma Criança Os Guiará**. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010. p.46

¹⁹¹ GUTIÉRREZ, G. **Beber no Próprio Poço**. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1985. p141

¹⁹² BINGEMER, M. C. **Um Rosto Para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005. p33

¹⁹³ METZ, J. B. **Mística de Olhos Abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

¹⁹⁴ BINGEMER, M. C. Op. Cit. p33

¹⁹⁵ BINGEMER, M. C. **O Mistério e o Mundo**. Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p275

CONCLUSÃO

O tema central da presente pesquisa se estruturou a partir de dois eixos: Teologia e Infância. A partir dessa dialética, usou-se o método “ver”, “julgar” e “agir”, característico da Teologia da Libertação, para traçar um diagnóstico da contemporaneidade nos países mais pobres, sobretudo no Brasil, analisar os aspectos teológicos relativos à temática da infância a partir das Escrituras e propor um caminho de práxis transformadora capaz de sinalizar o Reino de Deus hoje. Em cada parte do método o olhar foi direcionado em três direções que se retroalimentam: Deus, o cristão e a sociedade.

Assim, em primeiro lugar, o mundo moderno trouxe o primado da razão para o centro da experiência humana. A intelectualidade é, para esse mundo, portanto, a sua maioridade e todas as experiências que não sejam confirmadas por ela são descartadas como infantis e imaturas e, por isso, atrapalham o desenvolvimento da humanidade. A religião medieval que sustentava a noção de Deus pelos dogmatismos, agora é substituída pela racionalização da ideia de Deus que, por sua vez, se transformou num conceito alcançado exclusivamente pelo esforço intelectual e pela ortodoxia. Entretanto, as Escrituras mostram maneira diferente de acessar o Deus cristão. Desde o Antigo Testamento até os Evangelhos, a criança é apresentada como parábola do próprio Deus. Cristo é o Filho Criança de Deus fazendo a criança parte da família trinitária. Sendo assim, nova postura é necessária para se falar sobre Deus nesse mundo: é preciso experimentar a criancitude ao transcender a razão e acessar o conhecimento pela via da mística. A criança nos evangeliza a entender que Deus não é um enigma a ser desvendado, mas um Mistério a ser contemplado.

Em segundo lugar, observando os fenômenos da pós-modernidade, nota-se que a racionalidade não foi o fim da religiosidade como se previa. A falta de sentido que o mundo moderno provocou gerou, nos sujeitos pós-modernos, um retorno a uma espiritualidade particular e à privatização da experiência religiosa. No entanto, a segunda consequência da pós-modernidade nas religiões, especialmente na proposta de vida cristã, é o surgimento das instituições fundamentalistas como

resposta pragmática à angústia gerada pela pluralidade e pela falta de referências confiáveis. Olhando para as Escrituras, porém, mais uma vez a criança se apresenta como metáfora do estilo de vida que o próprio Cristo vive e propõe para seus discípulos. Andar nos passos que Cristo andou é se fazer como criança, assim como ele é. Tal postura é diametralmente oposta tanto ao descomprometimento com a espiritualidade quanto à institucionalização da religião. A criança, referencial de discipulado, propõe uma vida lúdica que se assemelha ao jogo e à brincadeira. Não se trata de divertimento alienante, mas de criancitude vivida em liberdade comprometida com os afetos, a criatividade e o autoconhecimento.

Por último, em terceiro lugar, lançando o foco sobre a sociedade, percebe-se que a lógica de mercado dominou todos os níveis de relações interpessoais. A compra e a venda não são mais ações referentes apenas às coisas. São categorias que regem os sujeitos e suas relações. Na sociedade de consumo, cada pessoa transforma-se em mercadoria para sobreviver a essa lógica. Comparando essa realidade com a proposta das Escrituras, notamos uma sensível mudança de perspectiva. Tendo as crianças como parábola dos vulneráveis, percebemos a necessidade de nova lógica direcionadora das relações: é preciso experimentar a generosidade, que se opõe ao consumo e transcende a justiça. A proposta é abraçar a criancitude que revela aos sujeitos suas próprias limitações e os impele experimentar a transcendência concreta de sair de si e se encontrar na vulnerabilidade do outro.

O Deus adulto, o cristão adulto e a sociedade adulta apenas manifestam racionalidade, institucionalidade e consumismo. Mas ao perceber que Cristo, a vida cristã e os vulneráveis têm as crianças como suas parábolas nas Escrituras, pode-se experimentar, então, um movimento em direção à criancitude marcada pela mística, pela ludicidade e pela generosidade. Tal análise, apresentada aqui, se mostra extremamente necessária num mundo adultocêntrico que marginaliza as crianças, desvaloriza as manifestações concretas da infância e não reconhece os pequenos como fonte para o aprendizado. Revela-se, assim, que no centro da mensagem cristã está a criança, que ela é prioridade no Reino, o paradigma para todos os discípulos do Mestre. É a partir dela, do ensinamento que ela propõe, que o ser humano pode, enfim, viver a esperança que está primeiro no coração de Deus. Como diz Moltmann:

A esperança de Deus permanece em relação ao ser humano enquanto humano, apesar de todas as desumanidades que os seres humanos cometem entre si e em relação às demais criaturas. Em cada criança Deus espera pela pessoa humana enquanto ser humano. Essa espera de Deus pode constituir-se na razão mais profunda “para que ainda não esteja tudo acabado em relação a nós” (Lamentações de Jeremias 3,22), mas uma geração após outra continue a nascer. Deus não silencia, Deus não está “morto”, mas Deus espera por cada ser humano enquanto ser humano. “Em todos os profetas eu te esperei”, assim Martin Buber faz o Eterno dizer ao messias, “e agora tu vieste”. É dessa esperança de Deus que nós vivemos, e crianças continuam a nascer para dentro do tempo dessa esperança divina.¹⁹⁶

É possível perceber, então pela pesquisa apresentada até aqui, que há uma relação entre distanciamento de Deus e desprezo pelas crianças. Dita de maneira positiva, a aproximação a Deus desemboca necessariamente no acolhimento da infância marginalizada. Aprofundando ainda mais os resultados da pesquisa, podemos dizer que a atenção à criança sinaliza uma revelação do próprio Deus. Os pequeninos são o caminho do conhecimento de Deus, da experiência cristã e do bem viver em sociedade. Sem eles, a vida se torna impossível, não apenas em termos biológicos, visto que ninguém chega a ser adulto sem antes ser criança, mas também existenciais e teológicos, visto que Deus, na forma que é revelado por eles, é o Mistério último da vida. Como diz Rahner:

Mas o homem existe propriamente como homem somente quando diz “Deus” pelo menos como pergunta, pelo menos na forma de pergunta a que se responde negativamente. A morte absoluta da palavra “Deus”, morte que apagasse até mesmo o seu passado, seria o sinal não mais ouvido por ninguém de que o homem mesmo morreu.¹⁹⁷

Ao chegar à conclusão, tem-se a certeza de que os argumentos e conclusões apresentadas até aqui são apenas introdutórios e que muito mais pode ser escrito a partir desses apontamentos. Outros, certamente, podem desenvolver novas pesquisas e novas conclusões a partir de referenciais diferentes enriquecendo ainda mais a Teologia da Criança e, principalmente, promovendo a proteção integral da infância. A esperança final é que esse trabalho, para além de uma contribuição acadêmica, sirva como inspiração para uma vida mística de liberdade lúdica e de generosidade comprometida.

¹⁹⁶ MOLTSMANN, J. **No início, o Fim**. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p32

¹⁹⁷ RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**. São Paulo: Paulus, 1989. p65

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALCÂNTARA, C. S. A instituição religiosa na (pós) modernidade. *Fraternidade Teológica Latino Americana - Setor Brasil*, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/rDTn2d>>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- ALVES, R. *Do Universo à Jabuticaba*, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usando Crianças Para Vender: Infância E Consumo Na Publicidade De Revistas. In. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.230-248, jul./dez. 2010
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- BALTHASAR, H. U. V. Jesus as Child and his praise of the child. In. *Communio: International Catholic Review*, n22, inverno, 1995.
- _____. *Si no os hacéis como este niño*. Rafaela: Fundación San Juan, 2006.
- BAUMAN, Z. *A Ética É Possível num Mundo de Consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Vida Para Consumo. A Transformação das Pessoas em Mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BETTO, F. *Espiritualidade e Religião*. O Globo, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/yJ6Lck>>. Acesso em: 6 dez. 2017.
- BEZERRA, S. *Infâncias Roubadas. O Ser Criança como desafio para o Reino*. Nova Friburgo, 2016.
- BINGEMER, M. C. *O Mistério e o Mundo. Paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. *Um Rosto Para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.
- BLANCO, K. M. *Niñez, nuevas voces de la teología de la liberación*. Monografía, Universidad Bíblica Latinoamericana, San José, 2013.

- BOTHA, N. Children as theological hermeneutic: Is there a new epistemological break emerging? In. HTS Theological Studies 72(1), a3110, 2016.
- BRANDÃO, S. H. Religião na Pós-modernidade. In. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <<https://goo.gl/veH1RJ>>. Acesso em: 07/12/2017.
- CALDAS, J. O.; CALDAS, R. O. Infância, consumo e narrativa. In. Revista Augustus, Ano 15, n30, ago.2010.
- CAVALLETTI, S. O Potencial Religioso da Criança. Descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- _____. The Child as Parable. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue III, fev.2000.
- CINTRA, J. P. S. Cenário da Infância e Adolescência no Brasil. São Paulo: Fundação Abrinq, 2017, 60p. Relatório técnico.
- Conclusões de Medellín. Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, II., 1968.
- DIAS, L.; FASSONI, K.; PEREIRA, W. (orgs.). Uma Criança Os Guará. Por uma teologia da criança. Viçosa: Ultimato, 2010.
- ESPERANÇA, J. A. Que tempo é esse? Que infância é essa? A reinvenção dos modos de ser criança na sociedade de consumidores. In. Textura, n.32, set./dez.2014.
- GUTIÉRREZ, G. Beber no Próprio Poço. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HANNA, N.; LIRA, K. O que dizem as Crianças? Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé; Visão Mundial, 2016, 32p. Relatório técnico.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JEYARAJ, J. B. (Ed.). Children at Risk: Issues and Challenges. Bangalore: CFCD/ISPCK, 2009.
- KIVITZ, E. R. Quebrando paradigmas. São Paulo: Abba Press, 1995.
- LIBANIO, J. B. Teologia da Revelação a partir da Modernidade. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LIMA, A. J. A. O Lúdico em Clássicos da Filosofia: uma Análise em Platão, Aristóteles e Rousseau. In. Congresso Nacional de Educação, II, 2015, Campina Grande. Comunicação Oral.

MARQUES, R. A Generosidade: Reflexão em Torno do Conceito. Disponível em: <<https://goo.gl/AWMvQk>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

MENDITTI, C. H. Cristianismo em diálogo com o ateísmo. As críticas do ateísmo humanista, suas interpelações e a fundamentação da fé cristã como afirmação e desenvolvimento integral do humano. 2009, 456p, Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, PUC, Rio de Janeiro.

MERTON, T. Diálogos Com o Silêncio: Orações e Desenhos. Rio de Janeiro: Fissus, 2003.

METZ, J. B. Mística de Olhos Abertos. São Paulo: Paulus, 2013.

MOLTMANN, J. No início, o Fim. Breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. Niño e infancia como metáforas de la esperanza y de la fe. Carthaginensia Revista de estudios e investigación, Vol. 16, No 29 (2000), ps.15-28.

MOORE, P. The Child as Mystic. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue XII, out.2006.

PEREIRA, W.; SEGURA, H. Para Falar de Criança. Teologia, Bíblia e Pastoral para a Infância. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

PINTO, R. H. O Antinaturalismo Religioso De Pascal. In. Kínesis, Vol. V, nº 10, Dezembro 2013, p. 47-68.

RAHNER, K. Curso Fundamental da Fé. São Paulo: Paulus, 1989.

_____. Pensamientos para una teología da infancia. In. Gedanken zu einer Theologie der Kindheit, Geist und Leben, 36 (1963), 104-114.

SEGURA, H.; VEGA. G. R. (Ed.). Deme La Mano Y Danzaremos. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015.

SEGURA, H. Deixem que venham a mim as crianças. Pistas bíblico-teológicas para o ministério com a infância e a juventude. San José, Movimento Juntos com a Infância e a Juventude, 2015.

_____. Teología Com Rosto de Niñez. Apuntamentos para uma teologia de la niñez em perspectiva latinoamericana. In: SEGURA, H.; VEGA. G. R. (Ed.). Deme La Mano Y Danzaremos. La Niñez como Desafío Teológico y Pastoral. Bogotá: Sociedad Bíblica Colombiana, 2015.

SIMARRO, Juan. Teólogos ante la faz de un niño pobre. Protestante Digital, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/jttGh0>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

TOSCANO, J. J. B. Los niños nos evangelizan. Revista Viva, n66, mai./jun. 2013.

VALE, L. G. O Jornal de Todos os Brasis, 9dez.2012. Entrevista. Disponível em: <<https://goo.gl/uRtkQu>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Violência contra crianças e adolescentes é naturalizada no Brasil. Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/16P9G4>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

VOLPI, M. A Proteção Integral aos Direitos da Criança e do Adolescentes. 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. In. GUIMARÃES, B; SILVA, F. (orgs.). Nas Trilhas da Proteção Integral. 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Recife: Instituto Brasileiro Pró-Cidadania, 2015.

WHITE, K. J. Introducing Child Theology. Theological Foundations for Holistic Child Development. Penang: Compassion International, 2012.

WOGGON, G. Sittin' in the Lap of God. The Child as Mystic Among Us. In. Occasional Papers, Center for Children and Theology, Issue VII, jan.2004.